

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ
PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO DO
CONHECIMENTO NAS ORGANIZAÇÕES

NOIRIEL IGNÁCIO SANTOS LEAL

**COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA
REPATRIAÇÃO DE ESTUDANTES DE INSTITUIÇÕES DE
ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO PARANÁ**

MARINGÁ
2020

NOIRIEL IGNÁCIO SANTOS LEAL

**COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA
REPATRIAÇÃO DE ESTUDANTES DE INSTITUIÇÕES DE
ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO PARANÁ**

Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGGCO - UNICESUMAR como pré-requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações.

Linha de pesquisa: Organizacional

Orientadora: Profa. Dra. Hilka Pelizza Vier Machado
Co-orientador: Prof. Dr. Nelson Tenório Júnior

MARINGÁ
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L435c Leal, Noiriel Ignácio Santos.

Compartilhamento do conhecimento na repatriação de estudantes de instituições de ensino superior do Estado do Paraná / Noiriel Ignácio Santos Leal. – Maringá-PR: UniCesumar, 2020.

93 f.; 30 cm.

Orientação: Profa. Dra. Hilka Pelizza Vier Machado.

Coorientação: Prof. Dr. Nelson Tenório Júnior

Dissertação (mestrado) – UNICESUMAR - Centro Universitário de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, 2020.

1. Intercâmbio. 2. Expatriação. 3. Repatriação. 4. Conhecimento. 5. Compartilhamento. I. Título.

Leila Nascimento – Bibliotecária – CRB 9/1722
Biblioteca Central UniCesumar

Ficha catalográfica elaborada de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NOIRIEL IGNÁCIO SANTOS LEAL

**COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO NA REPATRIAÇÃO DE
ESTUDANTES DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO
DO PARANÁ**

Dissertação apresentada em 27 de fevereiro de 2020 ao Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações do Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Profª. Dra. Hilka Pelizza Vier Machado
Unicesumar - Centro Universitário de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Luiz Tatto
Unicesumar - Centro Universitário de Maringá

Profª. Drª. Fabrízio Meller da Silva
UEM – Universidade Estadual de Maringá

Maringá, 27 de fevereiro de 2020

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus, Senhor da minha vida.

Aos meus filhos Thays Amanda e Rodrigo Pedro por todo apoio e amor.

À minha família e amigos pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio de muitas pessoas, às quais agradeço.

Cito o Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), pela concessão da bolsa de estudos institucional, na pessoa do Vice-Reitor Wilson Filho, que sempre me tem dado apoio profissional. Ao Wesley Kendrick Silva, Diretor do Internacional que permitiu o levantamento dos dados do setor contribuindo para o resultado da pesquisa e ao Head do Departamento Jonas Kuchma Franca.

Às demais pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço à minha orientadora Hilka Peliser Vier Machado, que me acompanhou durante esse momento importante de vida. E ao co-orientador Nelson Tenório Júnior, que acreditou nas minhas possibilidades. Agradeço aos professores e coordenadores do Mestrado e pelos ensinamentos e parceria e aos meus colegas de Mestrado e trabalho que me ouviram muitas vezes dando forças para a caminhada.

EPÍGRAFE

“Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias.”

Isaías: 40:31

RESUMO

Esta pesquisa aborda o compartilhamento do conhecimento em experiências de expatriação. A pesquisa tem como objetivo verificar se estudantes de ensino superior de instituições do Estado do Paraná que tiveram experiência em intercâmbio internacional, compartilharam o conhecimento obtido quando repatriados, quais foram os conhecimentos obtidos e quais formas de compartilhamento ocorreram. Para isso, foi realizado um estudo quantitativo, uma survey, com aplicação de um questionário estruturado com 42 questões junto a 176 alunos, sendo 104 do Programa de Bolsas Ibero-Americanas, 12 do Rotary e 60 do Ciência sem Fronteiras. Foram respondentes 52 alunos. Os resultados mostraram que o compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior ocorre, porém, de maneira mais informal do que formal, pois as oportunidades são possibilitadas mais pelos amigos do que pelas instituições. Não foi observada relação do país e os conhecimentos adquiridos. Com relação à área de estudo, a área de Exatas apresentou maior número de participantes em intercâmbios internacionais e melhor desempenho; além de apresentar uma relação entre país de realização do intercâmbio e área de estudo. A pesquisa evidencia a necessidade de IES formularem estratégias para possibilitar o compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior, gerando diversidade nas formas de compartilhamento e melhor divulgação dessas ações, para que o conhecimento seja socializado e aproveitado, não somente pelos alunos que foram, mas inclusive para os que não tiveram essa oportunidade. Para os estudo sobre repatriação e expatriação a pesquisa apresenta uma contribuição relevante, ao abordar um tema cada vez mais crescente, que é o do intercâmbio estudantil.

Palavras-chave: Intercâmbio; Expatriação; Repatriação; Conhecimento; Compartilhamento.

ABSTRACT

This research addresses the sharing of knowledge in expatriation experiences. The research aims to verify if higher education students from institutions in the State of Paraná who had experience in international exchange, shared the knowledge obtained when they were repatriated, what was the knowledge obtained and what forms of sharing occurred. To this end, a questionnaire with 42 questions (11 open – 31 objectives) was applied to 176 students, 104 from the Ibero-American Scholarship Program, 12 from Rotary and 60 from Science without Borders. 52 students responded, 1/3 of the total and, as a result, it was observed that there is a sharing of knowledge acquired abroad, more informally than formally, as opportunities are made possible more by friends than by the sending institution. Regarding the country's relationship and the knowledge acquired, it did not have a direct relationship, they varied according to the experience of each student. In relation to the study area, it was surprising in the highlight of Exatas, both with a greater number of participants in international exchanges and in better performance; in addition to presenting a relationship between the country where the exchange took place and the area of study, since Exatas students exchanged mostly in the USA and students from Humanities and Health in Portugal. This research highlights the need for the HEI to formulate strategies to enable the sharing of knowledge acquired abroad, generating diversity in the forms of sharing and better dissemination of these actions, so that the knowledge is socialized and used, not only by the students who were, but also for those who haven't had that opportunity.

Keywords: Exchange; Expatriation; Repatriation; Knowledge; Sharing.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Definições de expatriado	23
Quadro 2: Fases da expatriado	26
Quadro 3: Conceitos de repatriação	33
Quadro 4: Elementos da gestão do conhecimento	41
Quadro 5: Formas de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior	43
Quadro 6: Objetivos e questões	55
Quadro 7: Tipos de conhecimento e conhecimentos adquiridos no exterior.....	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grau de adaptação	27
Figura 2: Inovação e aplicação	36
Figura 3: Compartilhamento do conhecimento	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ano de realização do Intercâmbio	58
Tabela 2: País de destino	59
Tabela 3: Nome das Universidades	59
Tabela 4: Duração do Intercâmbio	60
Tabela 5: Ano de retorno do Intercâmbio	60
Tabela 6: Curso realizado no período do Intercâmbio	61
Tabela 7: Formas de Compartilhamento	62
Tabela 8: Oportunidades de Compartilhamento	64
Tabela 9: Média Ponderada do compartilhamento do conhecimento	65
Tabela 10: Disposição para compartilhar o conhecimento adquirido no exterior	65
Tabela 11: Grau de aprendizagem dsobre assuntos relacionados ao país de destino	66
Tabela 12: Média Ponderada dos tipos de conhecimento	66
Tabela 13: Grau de aprendizagem dos conhecimentos adquiridos em outro país	67
Tabela 14: Motivo de escolha do país de destino	68
Tabela 15: Opção "outros" na escolha do país de destino	68
Tabela 16: Área do conhecimento dos alunos em Intercâmbio	70
Tabela 17: Grau de aprendizagem do conhecimento de sua área de estudo.....	71
Tabela 18: Grau de aprendizagem por área	70
Tabela 19: Média ponderada de arprendizagem por área	71
Tabela 20: País onde fez o intercâmbio	72
Tabela 21: Sugestões	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIIESEC – *Association Internationale des Etudiants en Sciences Economiques et Commerciales*

BELTA - Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CsF – Ciência sem Fronteiras

ICEF – *In Charge Education Foundation*

MCTI – Ministério de Ciência, Tecnologia e Informação

MEC – Ministério da Educação

OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PNE – Plano Nacional de Educação

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
(acrônimo de *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos específicos	18
1.3 JUSTIFICATIVA	19
1.3.1 Aderência do tema ao PPGGCO	20
2 REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 EXPATRIAÇÃO	22
2.2 DIFICULDADES DO EXPATRIADO	29
2.3 REPATRIAÇÃO	32
2.3.1 Dificuldades do Repatriado	34
2.4 CONHECIMENTO E INOVAÇÃO	35
2.4.1 Tipos de Conhecimento	38
2.4.2 Compartilhamento do Conhecimento	40
2.5 INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	45
2.5.1 Mobilidade Internacional	47
2.5.1.1 Intercâmbio - Instituições de ensino	48
2.5.1.1 Intercâmbio - Instituições governamentais	49
2.5.1.1 Intercâmbio - Instituições financeiras	50
2.5.1.1 Intercâmbio - Instituições independentes	51
3 METODOLOGIA	48
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	58
4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES	58
4.2 TIPOS DE CONHECIMENTO	62
4.3 FORMAS DE COMPARTILHAMENTO	63
4.4 TIPOS DE CONHECIMENTO E PAÍS	66
4.5 TIPOS DE CONHECIMENTO E ÁREA DE ESTUDO	69
4.6 SUGESTÕES	72
4.7 DISCUSSÃO	73
5 CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	88

1 INTRODUÇÃO

Oportunidades de intercâmbio internacional têm se intensificado nos últimos anos, principalmente após a criação do Programa Ciência sem Fronteiras, em 2011. Para Dalmolin *et al.* (2013, p. 443) uma definição simples “aproxima intercâmbio de troca, permuta”, na qual, em outro país, pode-se adquirir novos conhecimentos, ter contato com novas culturas, com hábitos e práticas diferentes, uma língua, muitas vezes desconhecida. Toda essa experiência gera novas possibilidades educacionais e, porque não dizer, profissionais também (DALMOLIN *et al.*, 2013).

Guimarães e Oliveira (2016) consideram que a possibilidade da experiência internacional proporciona uma vivência intercultural que agrega conhecimento a quem dela participa. Os autores alegam que atualmente as pessoas estão mais abertas a viver uma experiência no exterior, ver as diferenças de um país para o outro. Muitas pessoas têm buscado essas experiências internacionais para alcançar conhecimento e vivência que possam agregar valor acadêmico, pessoal ou profissional, com a finalidade de alavancar sua condição de vida no país de origem.

O conhecimento obtido em experiências de expatriação e repatriação é um potencial de compartilhamento do aprendizado vivido. Brasileiros, tanto na docência, como na docência e na pesquisa, realizam ação de parceria e de intercâmbio no exterior (PANIZZI, 2006), ou seja, existe essa prática intercultural, na qual alunos, professores e profissionais adquirem e registram uma experiência internacional no seu currículo.

De acordo com Oliveira e Freitas (2017, p. 776), a universidade “é um espaço de culturas, a interculturalidade é uma condição inerente à sua existência, favorecendo o convívio e a integração de diversidades”. Algumas instituições propiciam a experiência intercultural nas instituições de ensino, pois a exemplo da indicação no Edital de Bolsas Ibero-Americanas (2019), o benefício financeiro que oferecem tem a finalidade de possibilitar aos acadêmicos uma vivência intercultural que possa agregar valor à sua formação e que esse fator contribua ainda para sua carreira profissional. Assim, alunos e professores participam de intercâmbios interculturais, cujas experiências deveriam ser aproveitadas tanto no currículo acadêmico como na vida cotidiana ao regressar. No entanto, pouco se sabe se esse compartilhamento acontece ou não, de que maneira acontece, e se a área do conhecimento interfere na escolha do país onde será realizado o intercâmbio.

A princípio, supõe-se que esse conhecimento adquirido no país de destino possa ser repatriado e compartilhado com os demais alunos que não tiveram a mesma experiência

internacional, o que corrobora Oliveira e Freitas (2017, p. 777) ao salientarem que “falar de interculturalidade no contexto universitário remete-nos à questão do processo de internacionalização do Ensino Superior, que tem ampliado os encontros e as convivências de diferentes realidades culturais no espaço acadêmico”.

Após essa exposição, é necessário um olhar mais atento à mobilidade internacional que, conforme Dalmolin *et al.* (2013), está incentivada em vetor crescente. A pergunta é: o conhecimento adquirido na expatriação de acadêmicos de ensino superior é compartilhado na repatriação?

Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, conforme Alvarez (2013), a internacionalização no Brasil teve quatro fases que marcaram a sua implementação no ensino superior, sendo elas: a primeira na década de 1930 – 1950 – trazendo professores para fortalecer as instituições superiores já existentes e fomentar novas; a segunda, entre 1960 – 1970 – promovendo bolsas de estudo para o Mestrado e Doutorado, com a finalidade de se aproximar dos modelos norte-americanos; a terceira, entre 1980 – 1990 – com a cooperação acadêmica, professores com pesquisas em áreas prioritárias e doutorado sanduíche, que buscavam a consolidação das pós-graduações *stricto sensu*; e a quarta, que se intensifica na primeira década do século XXI, com a continuidade da cooperação internacional, pesquisas em áreas estratégicas compartilhadas e a criação de instituições federais voltadas à internacionalização, Alvares (2013, p. 70):

Programas como o Ciência sem Fronteiras (2013c), que reúne esforços do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do MEC por meio de suas respectivas instituições de fomento à pesquisa – CNPq e CAPES –, e das Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC, por exemplo, têm contribuído com a propagação da cultura da pesquisa, que vem gradativamente se expandindo para além das universidades...

Lombas (2017) menciona que um fator de mudanças da era da globalização é a mobilidade acadêmica. Segundo a autora, as experiências internacionais acontecem em todas os núcleos de pessoas dentro da academia, sejam alunos, professores ou pesquisadores e os motivos são diversos, assim como o período de permanência no exterior, que depende do propósito que se tem. A autora informa que é comum, nesse tipo de mobilidade, o ambiente

em que se irá efetivar o intercâmbio ser um local com muito conhecimento, troca de experiências, parcerias, interculturalidade e com intenção de fomento da internacionalização por parte dos participantes de ambos os lados. A autora observa que, não obstante o crescente da mobilidade brasileira, ainda é pequena a quantidade de pesquisa e registros dos resultados desse tipo de experiência.

Importante destacar que o intercâmbio pode acontecer por diversos objetivos e é considerado uma experiência internacional, “Nesse sentido, a habilidade de adaptação a novas culturas e a expansão do autoconhecimento tem um importante papel no processo de expatriação, fatos que consubstanciam aspectos relevantes para a qualidade da experiência do expatriado fora de seu país de origem”, Vianna e Souza (2009, p. 342). Por isso, é preciso considerar o compartilhamento da vivência e experiência internacional adquirida no momento da repatriação.

Neste sentido, devido aos recentes incentivos governamentais, que se efetivou a partir de 2011, como o Ciência sem Fronteiras – CsF, e os incentivos de instituições independentes e privadas/financeiras, como o do Banco Financiador, na mesma época, pressupõe-se faltar espaços para o compartilhamento do conhecimento nas instituições de ensino, assim como com os colegas de estudo. A partir desse entendimento, infere-se duas hipóteses a serem verificadas nesta pesquisa, (i) um déficit no compartilhamento do conhecimento assimilado no exterior, (ii) a não existência de relação direta do conhecimento com o país de destino e, também, em relação a área de ensino, como será detalhado nos objetivos deste trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

A importância de experiências internacionais tem sido notória e os resultados estatísticos são surpreendentes. Informações da UNESCO e da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE registram o aumento da mobilidade acadêmica nas últimas décadas:

Os relatórios da UNESCO (2009; 2006) e da OCDE (2014) apontam que, em 1980, os estudantes que deixaram os seus países de origem com o objetivo de obter educação terciária no exterior (que inclui cursos de graduação e de pós-graduação) já eram em torno de 30% a mais que em 1975, e superavam um milhão. Em 2012, são computados quatro milhões e meio de estudantes que seguiram essa trajetória, o que corresponde ao aumento de quase 500% sobre as ocorrências registradas em 1975 (LOMBAS, 2017, p. 314).

A Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio - BELTA (2019) traz a informação do *In Charge Education Foundation* - ICEF que o número mundial geral de alunos estudando fora de seu país de origem chegou a níveis de crescimento geométricos, pois em 1990 foram 1.300.000; já no ano 2000, foram 2.100.000 e em 2014 foram 5.000.000 de estudantes internacionais. Maggi (2019) informa que a cada ano, o número de estudantes que passa um período fora do seu país de origem cresce em média 12%, e que o Brasil foi o sexto maior exportador de estudantes em 2015.

Na mesma direção, a quantidade de alunos que deixaram o país para realizarem intercâmbio internacional cresceu 23% no ano 2017, e alcançou a marca inédita de 302.000 estudantes, informações divulgadas pela Belta (2019). A pesquisa demonstra que essa prática no país cresceu tanto em volume, quanto em investimento em cursos no exterior, devido ao público interno que pretende ter especialização e diversificação na qualificação acadêmica para alcançar um reflexo positivo na vida profissional. Conforme divulgação pela Belta (2019), o brasileiro não se contenta apenas com uma segunda língua, mas pretende ter uma diferenciação no mercado de trabalho. Partindo do entendimento que a experiência internacional traz, além do contexto acadêmico, a questão da convivência cultural e pessoal ao participante do intercâmbio, de acordo Dalmolin *et al.* (2013), a questão a se tratar é se o resultado dessa experiência intercultural está sendo aproveitado, se o conhecimento adquirido na experiência de expatriação está sendo compartilhado, ou mesmo registrado, como forma de agregar ao aprendizado e incorporar o aproveitamento de toda essa vivência, para transformar o conhecimento tácito adquirido, particular, em explícito, que tem um viés de compartilhamento e aproveitamento comum.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar se estudantes de ensino superior do Estado do Paraná que tiveram experiência em intercâmbio internacional, compartilharam o conhecimento obtido quando repatriados, quais foram os conhecimentos obtidos e quais formas de compartilhamento ocorreram.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar quais os tipos de conhecimentos obtidos em experiências de expatriação;
- b) Identificar formas de compartilhamento desses conhecimentos na repatriação;
- c) Identificar a relação entre os tipos de conhecimento e país de destino;
- d) Identificar a relação entre os tipos de conhecimento por área de cursos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Parcerias, tanto nacionais quanto internacionais, promovem a mobilidade de estudantes brasileiros e estrangeiros Alvarez (2013). No entanto, conforme Gallon, Fraga e Antunes (2017), o que existe na literatura sobre expatriação deve ser revisto, pois não abrange todas as concepções sobre o assunto. Dessa forma, torna-se importante a expatriação para o meio acadêmico, tanto para professores como discentes que terão uma experiência internacional, assim como de forma consequente para todos aqueles que são influenciados pela experiência trazida e compartilhada no regresso, pois é o resultado de conhecimentos adquiridos no contato com uma cultura diferente, com costumes do país de destino, e cuja intensidade se estabelece na superação das dificuldades da expatriação, configurando-se numa nova visão de mundo, aprimorando o potencial desenvolvido em conhecimentos que podem ser compartilhados.

Machado e Hernandes (2004, p. 53) consideram que “situações de expatriação requerem redefinição das identidades, tanto no plano individual quanto social” e informam que essa aproximação intercultural com outro país leva o intercambista a ver a sua própria cultura sob outra perspectiva. Para Luiz, Santos e Tadeucci (2012, p. 75), na expatriação, a experiência “é pessoal e intransferível” e muitos dos padrões e modelos assimilados do país de origem, bem como do país destino, acabam se perdendo; ou seja, os modelos já existentes e, também, os novos padrões adquiridos exercem influência sobre o expatriado, causando mudança de paradigmas. Os autores ressaltam que são necessários estudos também sobre a repatriação, o que Machado e Hernandes (2004, p. 69) completam com a afirmação de que a repatriação “é tão ou mais complexa que a expatriação”.

É imprescindível destacar que um dos pontos fortes da experiência internacional é a possibilidade da inovação técnico-científica, que agrega conhecimentos e compartilha saberes; pois habilita e desenvolve pesquisadores que irão alavancar a sociedade do conhecimento (DALMOLIN *et al.*, 2013). Oliveira e Freitas (2017), informam que para a universidade é inquestionável a necessidade da experiência intercultural, uma vez que a inovação é um dos tópicos para a internacionalização e consolidação da pesquisa nacional,

por isso foi criado, em julho de 2011, o programa Ciência sem Fronteiras, para fomentar esse processo. Inomata, Varvakis e Soares (2016) consideram que um ambiente de inovação tecnológica de forma interativa é quando abrange governo, academia e empresas de forma colaborativa; pois agrega estrutura, tecnologia, conhecimento e confiança. O papel da universidade como apoio e orientação é fundamental como incentivo à experiência internacional (OLIVEIRA; FREITAS, 2017).

Esta pesquisa destaca a importância de um Intercâmbio Internacional no enriquecimento de quem o faz, tanto na visão acadêmica da oportunidade de estudar em outro país, como no contato com culturas diversas, o que proporciona aquisição de novos conhecimentos, mudança na visão de mundo, como enfatizam Oliveira e Freitas (2017, p. 776), é uma “força poderosa que impulsiona a mudança de práticas e de formas de se conceber o mundo”. Além de permitir o compartilhamento da aprendizagem adquirida.

1.3.1 Aderência do tema ao PPGCO

Este trabalho tem sua aderência ao tema do Mestrado da Gestão do Conhecimento nas Organizações na linha Organizacional, pois a relação entre mobilidade internacional e inovação está ligada à academia (há um grupo cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq sob o tema Conhecimento e Inovação), inclusive nas experiências de intercâmbio, por serem de grande importância para a internacionalização das Instituições de Ensino Superior - IES, seja no âmbito de mobilidade acadêmica, na elaboração de pesquisas, palestras ministradas por professores de países distintos ou mesmo cursos.

Esse fator é uma exigência dos órgãos reguladores do ensino superior no país, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES em conjunto com o CNPq, que pretendem fomentar a experiência internacional no país, como forma de trazer a atualização de tecnologias e procedimentos às pesquisas aqui desenvolvidas e, também, como forma de divulgação dos projetos nacionais (CAPES, 2019).

Portanto, faz-se necessário um levantamento sobre o aproveitamento do capital adquirido no exterior, na troca de experiências e conhecimentos, que tornam relevante a realização deste trabalho, como base na pesquisa desenvolvida com intercambistas que participaram de intercâmbios interculturais no exterior, com referência à aplicação dessa vivência como fator de compartilhamento do conhecimento adquirido, que é uma das

ferramentas do conhecimento, e possibilita trazer para dentro da academia do seu país de origem uma amplitude de visão, tanto acadêmica quanto cultural.

Os dados se constituirão num diagnóstico do processo atual e podem ser considerados subsídios para a implementação de novas ações na instituição de ensino superior, que servirá de parâmetro de avaliação, com vistas a alavancar o processo de internacionalização no meio acadêmico e fomentar novas práticas de aplicação do conhecimento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EXPATRIAÇÃO

Atualmente, “desde que o mundo tornou-se menor“, conforme Freitas (2009, p. 250), a globalização é um processo que vem se desenvolvendo já há alguns anos pela progressão da tecnologia, que abre espaços para o contato rápido e fácil em instantes com o mundo todo, proporciona que as fronteiras não delimitem, ou melhor, não restrinjam mais uma pessoa ao seu próprio país, facilitando as viagens internacionais por diversos motivos, sendo comum pessoas que viajam para outros países, adquirindo conhecimentos diversos e um aprendizado intercultural. De acordo com González e Oliveira (2011), nas últimas décadas nota-se os efeitos da globalização quando se intensifica a quantidade de pessoas que deixam seu país para residirem em outro, temporariamente ou de maneira definitiva.

A pessoa que tem a experiência internacional, que estuda ou trabalha no exterior, vivenciará o contato com uma sociedade e, também, cultura, geralmente, muito diversa à qual estava acostumada em seu país. Por isso, quanto mais tempo ficar convivendo nesse novo local, mais irá se habituar à nova realidade em que está imersa. Esse tipo de experiência internacional, que é chamada na literatura de expatiação, é discutido por Luiz, Santos e Tadeucci (2012, p. 74) “como estratégia de aprendizagem”.

De acordo com Coelho (2017, p. 1978), no sentido literal do radical latino “expatria” / expatiação significa “fora da pátria, fora do que nos é próprio”, ou seja, na sua pátria, o indivíduo conhece a história, costumes e a língua, que lhe são próprios; no entanto, ao sair do seu país de origem, ele irá se deparar com uma história desconhecida de tradições e costumes e, muitas vezes, também uma língua diferente da sua.

Quadro 1: Definições de Expatriado

CONCEITO	AUTOR
Raiz etmológica latina: ex-pátria, ou seja, fora da pátria.	Gallon, Fraga e Antunes (2017, p. 32)
Estes funcionários, que são enviados de uma empresa-mãe para viver e trabalhar em outro país por um período que varia de dois a vários anos, são coloquialmente referidos como “expatriados”.	Caligiuri (2000, p. 62)
Empregado contratado no Brasil para prestar serviço no exterior por um período maior que 90 dias.	Lei nº 11.962 (julho de 2009)
Indivíduo que reside temporária ou permanentemente em um país diferente de onde nasceu.	Gonzáles e Oliveira (2011, p. 1123)
É o empregado que terá que atuar por um período ou de forma definitiva, em um país diferente daquele no qual foi contratado para trabalhar.	Dutra (2002, p. 69)
Executivo que entende e se faz entender em diferentes línguas, é tolerante a diferentes culturas, interioriza e transfere a maneira de estar e de ser da empresa em que trabalha e, com ou sem família, aprende a viver e a se integrar fora do seu habitat de origem.	Nevado (2003, p. 2)

Fonte: Gallon, Fraga e Antunes (2017, p. 35).

Machado e Hernandes (2004, p. 56) conceituam expatriação como “ir residir em país estrangeiro”. Sendo assim, “expatriação” é um termo usado para situações de experiências interculturais em outro país, seja para a vivência acadêmica ou profissional, pois em ambas conjunturas os expatriados se deparam com uma realidade diversa da que estão acostumados em seu país e, assim, segundo os autores, encontram-se com “um duplo desafio: o de enfrentar a nova atividade ou organização e o de conviver em outra cultura”.

A vida em outro país apresenta diferenças culturais que deverão ser transpostas por aqueles que irão enfrentar as divergências de uma vivência longe de seu país de origem. Isso porque conforme Machado e Hernandes (2004), o estrangeiro não partilha de um mesmo passado, compreensões e até emoções do povo que o abriga, uma vez que para esse entendimento, é preciso conhecer a história e os costumes, e isso só se alcança com o mergulho nesse cotidiano, para se entender a identidade alheia.

Essa dificuldade na adaptação se soma ao fato de se ter que alcançar o objetivo do intercâmbio, uma vez que além da aculturação, existe uma meta a ser alcançada naquele lugar. Assim, são desafios que se somam e que podem interferir um no outro, ou seja, a aculturação pode interferir no processo para se alcançar o objetivo desejado. Segundo Moreira e Ogasavara (2018), o efeito da distância cultural entre o país de origem do expatriado em relação ao país destino do intercâmbio pode afetar o seu desempenho e seu resultado. Sendo assim, a pessoa que é oportunizada a ter a experiência de intercâmbio internacional vivenciará

o contato com uma sociedade e, também, cultura, geralmente, muito diversa da qual estava acostumada em seu país de origem. Esse processo de adaptação Moreira e Ogasavara (2018) chamam de ajustamento intercultural, pois afirmam que a cultura de um país interfere na questão de crenças, valores e até na parte cognitiva dos que abrange, então é preciso um esforço para que a adaptação aconteça. Coelho (2017, p. 1979) enfatiza “a necessidade de proceder a novas integrações sociais”.

Luiz, Santos e Tadeucci (2012) mencionam que a expatriação é um meio de estratégia para a aprendizagem, portanto, é preciso que o intercambista esteja disposto a participar do intercâmbio, tenha pré-disposição à mobilidade e à aprendizagem em geral. O que corrobora Freitas (2009, p. 249) no sentido que ele seja “um indivíduo aberto a experiências novas que confrontem e alarguem os limites de seus conhecimentos, de suas experiências [...], bem como as suas certezas culturais”.

Interessante ressaltar que conforme Moreira e Ogasavara (2018) geralmente se fala em diferenças culturais entre países, mas é importante notar que, dependendo do país hospedeiro, existem muitas semelhanças na cultura e que de qualquer modo a adaptação é um desafio.

De acordo com Coelho (2017), a expatriação tem sido analisada por muitos autores de modo inicial como uma interação social e/ou profissional, na qual estão inseridas as questões sócio-interativas de procedimentos, percurso profissional e a perspectiva da individualidade nesse processo.

“No que diz respeito aos aspectos do comportamento do indivíduo expatriado, é importante ressaltar que a expatriação leva o indivíduo a conviver com situações distintas do seu habitual, o que pode gerar situações de estresse e provocar alterações em seu comportamento” (SCHERER; MINELLO, 2017, p. 330). Os autores consideram que as situações de estresse enfrentadas pelos expatriados agem sobre eles e acabam se refletindo em suas ações. Para eles, assim como as adversidades mudam constantemente, as ações referentes a elas também mudam, ou seja, as dificuldades diárias mudam e, da mesma forma, a maneira de enfrentá-las deve mudar, de acordo com as características de cada situação. Scherer e Minello (2017) afirmam que é importante que o expatriado tenha condições de avaliar as dificuldades, classificando-as por nível de complexidade, e, assim, conseguir resistir ao problema existente. Para os autores, o expatriado precisa apresentar um comportamento resiliente, efetivo para cada momento e período de adaptação intercultural.

Quanto às dificuldades do expatriado, que podem ser derivadas de diversas competências requeridas no país destino, é necessário apresentar uma certa resiliência, uma vez que se encontra em situação de estresse e, por esse motivo, a resiliência é um fator

importante de acordo com Scherer e Minello (2017). Então, a dinamicidade da resiliência do indivíduo tem influência de estímulos sociais com consequências emocionais, tais como a presença ou ausência de suportes como família e amigos. Assim, segundo Scherer e Minello (2017), a dinamicidade da resiliência comportamental pode ser:

- a. Positiva – com maior capacidade de adaptação e aprendizagem, buscando em experiências passadas ou em novas aprendizagens;
- b. Negativa – muita dificuldade ou nenhuma condição de recuperação da situação de estresse e, ainda, uma demora para a adaptação cognitiva.

É importante notar que a dinamicidade da resiliência vai desde a capacidade de análise do tipo de dificuldade, até mesmo conseguir entender as suas causas e conseguir classificá-las em grau de resolução, para conseguir agir no tempo e de acordo com o desafio enfrentado; como, por exemplo, em problemas urgentes, ter respostas mais rápidas, como no caso de um assalto; já em situações em que se pode pensar mais, agir com mais análise, como no caso de uma mudança. Lembrando, que em qualquer dessas situações, para uns será mais traumática e difícil do que para outros, ou seja, a maneira de sentir as dificuldades é muito subjetiva e depende muito do entendimento pessoal da situação. Como se observa em Scherer e Minello (2017, p. 332):

As dificuldades enfrentadas, conforme os autores, podem afetar o estado que o indivíduo se encontra, com incertezas e angústias, que podem afetar suas ações, inclusive sua condição física e psíquica. Portanto, não se está limitando o conceito de expatriação a apenas um aspecto geográfico, pois alguns fenômenos subjetivos atuam sobre os intercambistas que se encontram em outro país e, muitas vezes, “sozinhos”, sem pessoas conhecidas ou familiares.

A adaptação em outro olhar, de acordo com Pereira, Pimentel e Kato (2005), apresenta quatro fases de adaptação: a “lua-de-mel”, o “choque cultural”, o “ajustamento” e o estágio do “entusiasmo”. A primeira acontece com a chegada ao novo país, com o deslumbramento com as novidades e diferenças da cultura e paisagens locais, com a consequente alegria das novidades e da euforia pelo que está à sua disposição. A segunda é o estágio de “choque cultural”, que é um cansaço pelo desconhecimento integral da cultura que se está tendo contato, por ter que efetivamente seguir essa mesma rotina cotidianamente, ou um sentimento de inadequação ou desajuste. Já, a terceira fase é a do “ajustamento”, um momento de já conhecer a real interpretação dos processos culturais e de entendimento da história do local;

para, então, por último, alcançar a fase do “entusiasmo”, que é ter um sentimento de pertença, no qual já se gosta das novidades da cultura, assim como se entende como parte dela, como resumido no Quadro 2.

Quadro 2: Fases da Expatriação

FASE	ESCLARECIMENTO	TEMPO DE DURAÇÃO
Lua de mel	Encantamento com a nova cultura local e com as novidades.	2 semanas até 3 meses
Choque de cultura	A sensação de desajuste, a solidão, o sentimento de inadequação, de afastamento.	de 3 a 9 meses
Ajustamento - adaptação	Compreensão cultural, da história, da língua, do povo.	6 a 12 meses
Entusiasmo - domínio	Estar adaptado, como parte do povo local, sentir-se integrado.	a partir de 10 meses

Fonte: Pereira, Pimentel e Kato (2005, p. 58).

Quanto à questão das fases, importante lembrar que nem todos os indivíduos chegam até a última fase, principalmente porque os autores destacam um período comum para as etapas acontecerem para os imigrantes. A primeira fase, pode chegar a 2 semanas ou meses; a segunda, cerca de 3 a 9 meses, quando surgem sentimentos de aversão à nova cultura, solidão, desânimo, desajuste social, entre outros; e, por ser difícil transpor essas dificuldades, os que sobrevivem a essas fases, chegam à terceira, mesmo que não totalmente integrados, mas conseguem se encaixar às novas rotinas, sendo que isso pode variar do 6º ao 12º mês. Só, então, chegam à última fase, que é ter um sentimento de contentamento por conhecer a nova cultura e já se sentir como parte dela, pois nessa altura têm um certo domínio dos processos, o que facilita a integração; é uma fase que Pereira, Pimentel e Kato (2005) mencionam que ocorre normalmente a partir do 10º mês.

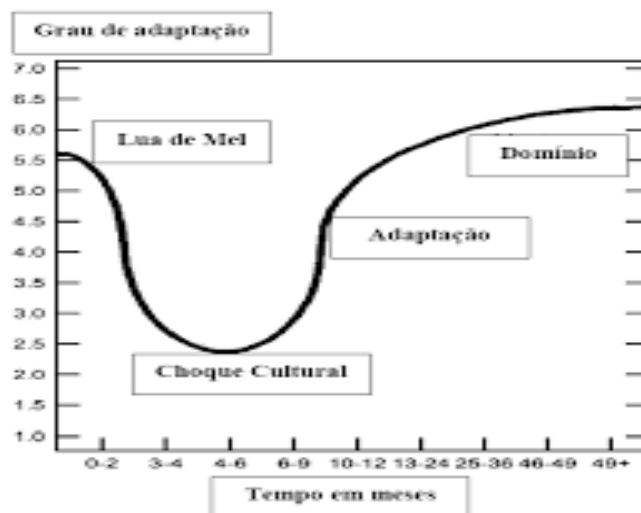
O processo de adaptação a outra cultura é complexo e difícil, sendo a mais difícil das fases a chamada de “choque cultural”, pois é onde a distância e afastamento dos conhecidos, família e amigos fazem diferença e irão influenciar no processo de ajuste (PEREIRA; PIMENTEL; KATO, 2005, p. 57). Então, um dos momentos mais difíceis de se transpor é o do “choque de cultura”, que Gonçalves (2013) descreve como sendo de “castração cultural”, até porque esse termo tem a ver com a psicologia psicanalítica, que faz parte da sua análise. Para o autor, dependendo do intercambista, por alguns fatores individuais, pode permanecer nessa fase, mais do que deveria, trazendo para ele uma sensação de frustração e desânimo, percebendo seu entorno como diverso à sua vontade, o que pode levá-lo à desistência dos seus

objetivos no país de acolhimento. Machado e Hernandes (2004) comentam que nem sempre os expatriados conseguem transpor a barreira cultural, ajustando-se à cultura do país de destino.

Machado e Hernandes (2004) consideram que alguns fatores podem interferir no processo de adaptação ao novo país, entre eles, o domínio do idioma local, pois, caso se tenha domínio linguístico, a inserção e adaptação intercultural pode ser abreviada; por isso, a importância de se ter previamente essa competência. Quando se trata de uma experiência internacional, uma das primeiras preocupações é com a língua, isso porque, como asseguram Pereira, Pimentel e Kato (2005), ela é fator da transmissão de informações e da própria cultura, sendo o primeiro aspecto que pode gerar confusão no entendimento desses fatores, causando mal entendimento. A contribuição da língua vai além de seu conhecimento meramente de decodificação, uma vez que carrega a questão das informações não verbais, ou seja, a comunicação subentendida.

Para melhor entendimento do processo, apresenta-se a Figura 1 de Gonzáles e Oliveira (2011):

Figura 1: Grau de adaptação



Fonte: Gonzáles e Oliveira (2011, p. 5)

Na Figura 1, é possível visualizar o início do processo caracterizado com o *start* quase na marca vertical mais alta, representando um aspecto positivo, o entusiasmo, a alegria da novidade. Mas, no segundo momento, a marcação do gráfico tem uma mudança brusca e cai para uma marcação vertical nos menores índices, que é o momento em que o intercambista passa pelo choque cultural e se sente alheio à cultura e costumes do país acolhedor, sentindo-

se rejeitado ou sozinho, sem perspectivas; e, somente depois desse processo, a curva novamente ascende; a princípio, de forma gradativa, e, finalmente, até ultrapassando a marca numérica inicial, pois já representa um momento de controle, uma fase de estabilidade positiva, de bem-estar, de pertença, de domínio; a que Scherer e Minelli (2017, p. 334) informam “que finalmente se alcança.”

Outra interpretação foi dada por Gonçalves (2013) sobre as fases da expatriação, sobre o tempo de intercâmbio do acadêmico, que dependendo do tipo nem o permite viver todas essas fases, ou pode ser que elas sejam abreviadas, para que se consiga alcançar as metas estabelecidas do intercâmbio intercultural. Essas fases são comparadas às curvas de adaptação no exterior, que delimita as fases da expatriação quanto à curva **U** como sendo três:

- a. 1ª fase - Lua de mel: encantamento com a nova cultura (pode durar de semanas a 6 meses);
- b. 2ª fase – Hostilidade – momento de desilusão e o cotidiano se torna pesado - tendência a buscar pessoas do mesmo país;
- c. 3ª fase – Em Casa – na qual o intercambista já aceita e aprecia a cultura e costumes do país hospedeiro.

Em qualquer dessas situações, o que acontece é que cada cultura fornece ao indivíduo um esquema inconsciente para todas as atividades da vida (CUCHE, 1996). Para viver em outro meio social, torna-se necessário pelo menos o conhecimento, a percepção e a aceitação de novos valores culturais. Essa atitude, no entanto, só é possível a partir da relação com o outro, em processos de interação e de aceitação mútua, que são importantes para a construção da nova identidade social, que se produz pela integração em outra cultura (HERNANDES; MACHADO, 2004).

Pereira, Pimentel e Kato (2005) esclarecem que a integração é a maneira que faz a interação entre as culturas e os indivíduos, pois desse jeito é possível fazer a assimilação da nova cultura, preservando a sua própria, ou seja, é a consciência de que uma vez em um país distante é preciso interagir com o povo que acolhe e com sua cultura, integrando-se à realidade desse novo universo de processos e cotidiano, sem se esquecer de seus próprios valores e de sua maneira de viver, que estão presentes nas suas próprias ações e sentimentos.

Nesse sentido, o fenômeno da alteridade facilita a interação quando se entende que é a relação entre: eu e o outro, pois Baudrillard e Guillaume (1992, p. 4 *apud* MACHADO; HERNANDES, 2004) afirmam que “em cada eu há um outro – que não sou eu, que é

diferente de mim, mas que eu posso compreender e assimilar”. Sendo que a integração do indivíduo ao meio social acontece, exatamente, quando se percebe as similaridades e divergências entre os indivíduos, o que se define como a própria demarcação do limite entre si mesmo e o outro (MACHADO; HERNANDES, 2004).

Prestes, Grisci e Fraga (2016) afirmam que uma das habilidades do expatriado é estar aberto ao contínuo desenvolvimento. Esse fato se deve à realidade de uma sociedade que exige que se tenha boa capacidade de escolha, que seja segura e livre, e que esteja alinhada às demandas que aparecem (PRESTES; GRISCI; FRAGA, 2016), isso porque estar em outro país envolve mudança e enfrentamento de situações diversas.

2.2 DIFICULDADES DO EXPATRIADO

A expatriação leva a uma vivência com uma realidade cultural diferente, que vai exigir uma postura de enfrentamento. Dalmolin et al. (2013, p. 443) apresentam um conceito mais detalhado do intercâmbio internacional:

Um conceito simples aproxima a palavra intercâmbio de troca, permuta. Num sentido amplo, o intercâmbio pode ser entendido como forma de trocar informações, crenças, culturas, conhecimentos. Nesse sentido, a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldades, pois o intercambista precisa se adaptar ao ambiente, enfrentar desafios e crescer.

Para Prestes, Grisci e Fraga (2016), a expatriação tem todo um contexto, com nuances tão específicas que é imprescindível a adequação do expatriado. Gonzáles e Oliveira (2011) corroboram que existe uma correlação quanto aos processos psicológicos que enfrenta o expatriado e o seu nível de adaptação ao país de destino. Gonçalves (2013) complementa que cada pessoa passa pelo processo da expatriação de forma diferente, ou seja, a experiência é pessoal e, sendo assim, varia de uma pessoa para outra. Guimarães e Oliveira (2016, p. 358) afirmam que “o intercâmbio é uma experiência turística cultural e educacional, que proporciona viver com pessoas de países diferentes, com costumes diferentes. Requer uma mudança de visão, de comportamento, respeito a valores diferentes e administração de conflitos internos e inter-relacionais”.

Conforme Guimarães e Oliveira (2016), as dificuldades estão relacionadas, de modo geral, ao trabalho, família, amigos, cultura, língua e ao lado emocional dos participantes, e podem ser percebidas de maneiras diferentes pelos expatriados. Alguns fatores implícitos

nessas viagens, como dificuldades de aculturação e a conseqüente necessidade de superação, devem ser retratados, para melhor compreensão do processo e de como ele pode contribuir para o crescimento individual dos intercambistas.

Na questão do trabalho, empresas brasileiras aumentaram seu percentual de envio de profissionais para outros países nos últimos anos, para atender à necessidade da empresa (CALDERON; GUEDES; CARVALHO, 2016). Elas têm participado mais do mercado internacional, conforme Pereira, Pimentel e Kato (2005), abrindo frentes no exterior e, conseqüentemente, enviando seus colaboradores para trabalhar nesses postos internacionais e são muitas as barreiras a serem transpostas quando uma empresa decide abrir um polo no exterior, que vão desde o local, a cultura, as leis empresariais e a situação do país, até a dificuldade de se encontrar colaboradores de confiança e com conhecimentos estratégicos para atender às necessidades e desafios da empresa no estrangeiro.

Muitos intercâmbios são realizados com a finalidade de atender organizações empresariais e, portanto, são motivados por cunho profissional. Devido a esse fato, é interessante destacar a afirmação de Gonzáles e Oliveira (2011) sobre a predominância na literatura quanto a práticas de recursos humanos no sentido de colaborar na adaptação do expatriado, que podem contribuir ou não para sua adequação sociocultural e, assim, interferir no desenvolvimento do seu trabalho. O autor informa que essa é uma adequação muito importante, no sentido de que dependerá dela o sucesso ou fracasso da missão profissional no exterior, pois o profissional expatriado enfrentará desafios em sua experiência no exterior, que devem ser transpostos, a fim de que consiga atingir seus objetivos naquele país. Gonzáles e Oliveira (2011, p. 14) consideram que:

Não existe uma abordagem estritamente gerencial, e sim abordagens multidisciplinares que desde a psicologia e o estudo das transições culturais desvendam processos passíveis de afetar o desempenho do expatriado e, em conseqüência, a estratégia internacional da organização.

Ou seja, mesmo fatores psicológicos, culturais ou outros, podem afetar o resultado do desempenho do funcionário expatriado e, conseqüentemente, podem facilitar ou dificultar o processo de internacionalização de uma empresa.

Segundo Gonzáles e Oliveira (2011), os profissionais enviados por intercâmbios profissionais podem receber influência de cinco domínios, que podem ser: individuais, fatores relacionados com o trabalho, com a cultura organizacional, quanto à socialização no trabalho e outros não relacionados ao trabalho. A partir das interações, ocorrerá a adaptação do expatriado na sua vivência geral, quanto às relações sociais e ao trabalho, pois, não se requer

uma adequação somente em um nível, na medida em que esses fatores podem interferir no trabalho do expatriado e, por consequência, nos objetivos organizacionais.

Bianchi (2015) informa que a falta de comunicação pode levar o trabalhador a se sentir como um exilado, como alguém que foi esquecido. Para Pereira, Pimentel e Kato (2005), é importante ter estratégias de cuidado no envio de colaboradores para trabalho no exterior, pois o suporte para que eles atinjam o objetivo da empresa é fundamental. Scherer e Minelli (2017), confirmam este viés de cuidado quando informam duas características básicas para um profissional trabalhar no exterior e ser enviado por uma empresa, sendo uma delas estável, que é a responsabilidade pessoal, o comprometimento, a capacidade de enfrentamento de situações estressantes e a outra é instável, que é justamente a capacidade de ter flexibilidade de ajustamento, de adaptação e de interação social.

Conforme Gonçalves (2013), a maneira como cada intercambista vivencia seu intercâmbio tem relação com suas experiências anteriores. Difícil entender o que cada um pensa, pois sua vivência e experiências são únicas e muito pessoais. Logo, não há uma fórmula pronta sobre como ter uma experiência de intercâmbio exemplar, tudo irá depender de como se está psiquicamente preparado para embarcar para o exterior. Dalmolin *et al.* (2013, p. 43) afirmam que:

[...] a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas, auxilia na superação de dificuldades, pois o intercambista precisa se adaptar ao ambiente, enfrentar desafios e crescer sobretudo na perspectiva de fortalecimento emocional, haja vista que a distância dos laços afetivos de origem propicia a vulnerabilidade no processo de tomada de decisões da vida pessoal e profissional.

Corroboram com esse pensamento, Prestes, Grisci e Fraga (2016), quando segmentam os estilos de vida na expatriação, da seguinte maneira: primeiro é a *former life* – vida antiga, na qual mesmo recebendo referências sobre o país destino, de colegas que já conhecem o local, é preciso fazer um balanço com o que realmente se encontrará no local, uma vez que mesmo se sabendo de algumas informações, nunca é igual à vivência individual que se irá experimentar. É manter um diálogo entre o que se viveu no país origem e o que se vive no país destino, para se planejar o futuro. O segundo tipo é *lifestyle based on control* – estilo de vida baseado em controle, ou seja, um estilo de vida baseado em regras pré-determinadas, sujeito à renúncia, sem o glamour da viagem imaginária. O terceiro tipo é uma vida *based in renegation* – estilo baseado em renegação, que é quando o expatriado tenta se adaptar às novas rotinas e costumes e, por isso, acaba mudando para um estilo de vida diferente. É uma

renúncia pessoal a hábitos anteriores, o que ocorre, às vezes, como pêndulo, ora conseguindo essa atitude coerente com o novo país, ora se reportando aos hábitos anteriores. No entanto, acabam conseguindo ter uma maturidade emocional para aceitar e se adaptar à nova realidade. Às vezes até o trabalho minimiza as dificuldades como frio e solidão, pois essas abnegações advinham da situação, são difíceis para o intercambista. O último tipo estabelecido por Prestes, Grisci e Fraga (2016) é o estilo de vida *based on stablished period of validity* – estilo baseado no estabelecimento de um período de validade. Como se a vida fosse um objetivo, um alvo a ser alcançado. É como se fosse um contrato por um período, como se fosse um jogo, suspende-se a vida até que o período termine. Então, o expatriado se acostuma à ideia de que tem que permanecer até o prazo determinado e isso acaba sendo um apoio para ele.

Verificando as implicações das dificuldades culturais, é importante destacar que a pessoa que participa de intercâmbios internacionais, segundo Gonçalves (2013), praticamente perde seus referenciais de simbologias, pois a maneira como sempre se comunicou por gestos, expressões faciais, códigos familiares, não são referência no outro país, e isso gera uma angústia no indivíduo. Ou seja, tudo que lhe eram referenciais como um simples aperto de mão, um sorriso, um piscar de olhos, a ironia de uma brincadeira, ou mesmo os protocolos de bom costume e de como se comportar não são entendidos da mesma forma, e essas “pistas”, conforme o autor, desaparecem, dando uma sensação de que ele seja “um peixe fora d’água”.

Machado e Hernandez (2004) afirmam que a família é um apoio para o expatriado, pois o ajuda no entendimento da cultura e costumes do país acolhedor. Pereira, Pimentel e Kato (2005) comentam que um dos fatores que pode contribuir, ou não, para a aculturação do indivíduo é a família, uma vez que, com ela, o expatriado irá frequentar espaços sociais de forma ativa e interagir na nova cultura, mas trazendo consigo referenciais de sua cultura, implícitos na relação familiar. Ainda, segundo os autores, o impacto de aculturação, muitas vezes, irá para a esposa e filhos, o que num primeiro momento pode ser bom para a empresa, mas deve-se levar em consideração que esse fator pode comprometer todo o projeto empresarial, naquele momento; pois dependendo da reação da família, ela não consegue permanecer no país acolhedor e, sendo assim, talvez nem o colaborador.

2.3 REPATRIAÇÃO

Gallon, Fraga e Antunes (2017) consideram que a expatriação não é apenas uma prática, mas também um processo, ou seja, o processo tem sistematização e acontece de forma particionada para se chegar a um objetivo, dentro de uma formatação preestabelecida; alguns

autores consideram a repatriação como um processo independente. Consideram que é o fim da experiência internacional, mas que, de certo modo, também acaba sendo um recomeço, uma vez que no retorno deve-se fazer planejamentos, fazer estratégias de utilização de todo o conhecimento adquirido no exterior.

Se, por um lado, na expatriação existem dificuldades que causam interferências para se alcançar o objetivo almejado, devido às diferenças culturais entre os países, que Moreira e Ogasavara (2018) chamam de distância cultural, e que se apresentam, também, no padrão de vida e nos processos de ensino e aprendizagem ou organizacionais, que acabam ocorrendo de uma forma bem diversa de um país para o outro; sendo que tudo isso pode acentuar as diferenças, dependendo da similaridade entre o país de origem do indivíduo e aquele em que é realizado o intercâmbio. Por outro, quanto mais tempo se convive no país de destino, maior a possibilidade de se habituar à nova realidade em que se está imerso. Sendo assim, é compreensível que, após realizar a experiência internacional e retornar ao país de origem, o intercambista acabe por “estranhar” alguns hábitos e a maneira de viver, que antes lhe eram comuns; e necessite, assim, de uma nova adaptação, agora de maneira inversa, retornando aos seus hábitos costumeiros. Esse processo é chamado na literatura de “repatriação”, uma vez que é o retorno à pátria, “ou seja, quando os indivíduos retornam para o seu país, os expatriados passam a ser chamados de repatriados” (GALLON, 2011, p. 16).

No quadro três apresenta-se alguns conceitos de Repatriação, para melhor compreensão do conceito da palavra e a sua amplitude de significados.

Quadro 3: Conceitos de Repatriação

CONCEITO	AUTOR
“[...] quando os indivíduos retornam para o seu país, os expatriados passam a ser chamados de repatriados”.	Gallon (2011, p.16)
Os repatriados são uma fonte valiosa para que as organizações alcancem uma vantagem competitiva,	Walter e Frega (2015, p. 5); Welch (2013)
A repatriação é um processo complexo, envolvendo renegociação, readaptação, reconstrução de redes profissionais e ancoragem da carreira na empresa.	Gallon, Fraga e Antunes (2017, p. 29)
[...]” refere-se ao retorno dos executivos expatriados ao país de origem, após o executivo ter cumprido seu objetivo na organização hospedeira.”	Dame <i>et al.</i> (2011, p. 5)
“[...] uma estratégia de desenvolvimento organizacional ou individual.”	Bianchi (2015, p. 145)

Fonte: elaborado pela autora.

Moreira e Ogasavara (2018) afirmam que assim como na expatriação existiu um processo de adaptação à cultura e regras do país acolhedor, na volta precisará, também, de uma nova adaptação à sua rotina. Machado e Hernandez (2004) relatam a importância do expatriado aceitar a sua volta, uma vez que internamente ele já não é mais o mesmo e essa luta interior pode dificultar a readaptação.

2.3.1 Dificuldades do Repatriado

De acordo com Deresky (2004), o choque cultural reverso acaba por ser importante na repatriação, pois é a adaptação à sua rotina anterior. Esse choque reverso acontece em todas as áreas da vida do indivíduo; e é interessante que se perceba que, a princípio, ele tornou-se um expatriado, sendo assim, viajou para outro país ou países, teve experiências variadas, conheceu uma nova cultura, adquiriu diversas histórias e conteúdos e, ao regressar, vai querer compartilhar com os que ficaram no país de origem, pois entende que haverá grande interesse pelo que vai contar, o que nem sempre acontece (LIMA; BRAGA, 2010). Segundo as autoras, esse momento do retorno pode se tornar frustrante para o repatriado e, inclusive, problemático, sendo que quanto maior o tempo de expatriação tornará pior o processo de retorno.

Na ida ou na expatriação, teve um fator positivo a mais, que era a sensação da novidade, do desconhecido, da aprendizagem, o que na volta não existe. Conforme Lima e Braga (2010), não há o fator do novo, da busca pelo objetivo pretendido, pois o glamour social de uma experiência intercultural no exterior não está presente no regresso ao país de origem. De acordo com Gonçalves (2013), o intercambista, ao ter a vivência em outro país, assimila seus costumes, os códigos diferenciados daquela pátria, e, ao regressar, ele passa a praticá-los. Então, o autor considera que as dificuldades do intercâmbio se apresentam na ida e na volta, pois existe a adaptação com sua família, com a sua cultura e com a sua própria língua, como uma readaptação.

González e Oliveira (2011) informam que a forma de expatriação pode influenciar na repatriação, sendo quatro encadeamentos possíveis para a criação da identidade, que são: a primeira - chamada de afirmativa – quando o intercambista fica preso aos seus padrões e tem dificuldade de adaptação no país de destino, porém sua repatriação é mais fácil. A segunda - é a identidade subtrativa – que, inversamente, é quando o indivíduo se considera menos ligado à sua própria cultura e, assim, a experiência de repatriação é mais difícil. A terceira - é a identidade cultura aditiva – que é quando existe uma grande agregação aos aspectos culturais

do país de destino, e de maneira bem intensa, então, embora haja o ganho, pode existir uma repatriação problemática. Ainda, retrata a quarta identidade – que é a global - quando o intercambista possui muitas experiências internacionais e tem um sentimento de pertença referente ao mundo, o que gera uma certa dificuldade na repatriação.

Conforme Coelho (2017), alguns aspectos com os quais o repatriado terá que lidar no seu retorno é quanto ao desinteresse pela sua experiência vivida; a idealização de um regresso perfeito em contrapartida com a normalidade da realidade encontrada, uma vez que já é conhecida e não traz nenhuma novidade; a incerteza do futuro; e um sentimento de nostalgia pelas coisas e oportunidades que deixou no país em que viveu a experiência internacional. Para o autor, a continuidade da prática de repatriação, quando são várias as experiências de intercâmbio internacional, torna esse momento menos traumático, uma vez que o acadêmico retorna com menos expectativas ao seu país de origem.

Gallon Scheffer e Bitencourt (2013) consideram que é preciso ter políticas que pensem a repatriação juntamente com o processo de expatriação; pois para Walter e Frega (2015, p. 6) “a repatriação não é um tema muito abordado”. Sendo assim, ele sugere estudos quanto à existência de políticas de acompanhamento à expatriação e repatriação nas organizações.

Périco e Gonçalves (2018) consideram que embora tenha aumentado o número de participantes em intercâmbio estudantil, os alunos têm sofrido no retorno ao seu país de origem. O autor informa que pesquisas sobre o retorno revelam que eles têm nostalgia do período que viveram no exterior e que em muitos casos relatam que não gostariam de ter retornado. Interessante destacar que os autores levantam a questão da mudança de identidade do intercambista, ou seja, ele tem sua visão de mundo mudada pela experiência vivida, então essa visão é confrontada no retorno, e, além do mais, tem a questão de que enquanto esteve fora a vida de seus familiares e amigos também mudou, e ele precisa se ajustar a isso.

2.4 CONHECIMENTO E INOVAÇÃO

O conhecimento e a inovação caminham lado a lado, e, muitas vezes, não se sabe em que momento a inovação será determinante para a mudança de rumos econômicos e sociais (AUDY, 2017, p. 75). Na visão do autor, a inovação tem a sua “mola propulsora” baseada na pesquisa e busca contínua de conhecimento; considera que a inovação acontece por meio dos avanços tecnológicos, que, por sua vez, são viabilizados por meio da ciência, que é resultado de pesquisas, o que demonstra uma relação estreita nesse ciclo.

Audy (2017) expressa que é comum se confundir inovação com novas ideias, porém ele ressalta que inovação vai além das ideias, ela chega até a execução do projeto, é a ideia colocada em prática; e, dessa forma, pode melhorar e transformar o mundo, seja no plano social, econômico ou pessoal. O autor informa que o termo inovação já foi amplamente usado em várias épocas, como nos trabalhos artísticos da renascença, na revolução industrial, ou na revolução da técnico-ciência no século XX; e tem se apresentado importante nos laboratórios de universidades e empresas.

Machado e Sartori (2018, p. 485) corroboram a necessidade da aplicação prática da ideia, quando afirmam que “a inovação pode responder a uma demanda de mercado, tendo origem em ideias criativas, pesquisas, ou por meio de usuários capazes de combinar elementos novos para criar, de algum modo, um novo mercado”. Destaca-se, na Figura 2, a necessidade da implementação da ideia, para o mundo real” gerando resultado efetivo e agregando valor no contexto de seu uso. Esse valor pode ser econômico, mas também social, científico, cultural (AUDY, 2017, p. 76). Alguns exemplos, segundo o autor, são a melhoria de processos e produtos, como por exemplo na área médica, para ajudar na saúde, em empresas, onde pode contribuir para mais empregos; ou, ainda, uma melhoria na condição de uma comunidade, que traz mais qualidade de vida ao local.

Figura 2: Inovação e aplicação



Fonte: Audy (2017, p. 76)

Audy (2017) informa que existem duas formas de inovação, a disruptiva e a incremental. A inovação incremental não é tão intensa, ou seja, fica no mesmo patamar tecnológico, mas é contínua e necessária para a sustentação dos ciclos dos processos ou produtos. Já, a inovação disruptiva é mais profunda, radical, rompe com os paradigmas ora existentes e muda de nível tecnológico, chegando a criar novas demandas, mercados e aplicações, que irão proporcionar alterações econômicas ou sociais significativas.

Devido a vantagens em tecnologias e maiores fluxos de informação, o conhecimento é cada vez mais percebido como um condutor central do crescimento econômico e da inovação, “o gerenciamento do conhecimento compreende atividades relacionadas à apreensão, uso e compartilhamento do conhecimento pela empresa. Constitui importante parte do processo de inovação” (OCDE, 2005, p. 32).

Chiarini e Vieira (2012) consideram que o avanço técnico-científico é fator competitivo e não acontece espontaneamente, mas deve ser elaborado e desenvolvido por meio de pesquisas, para gerar a inovação. Ou seja, é resultado de um processo intencional de pesquisa. Para os autores, nesse sentido, a universidade tem um papel fundamental, pois mais do que elaborar as pesquisas, participa do processo de sua implementação, propicia o compartilhamento de conhecimentos e tecnologias de inovação, e se torna, assim, a impulsionadora desse processo.

Machado e Sartori (2017) informam que as universidades são importantes para a transferência do conhecimento e de tecnologias. Portanto, é necessário que essas instituições sejam vistas como protagonistas no processo da inovação. Sendo que as universidades já têm consciência da necessidade de parcerias no sentido de ampliar suas atividades de P & D (pesquisa e Desenvolvimento).

Para Chiarini e Vieira (2012) a universidade é importante na ampliação e disseminação do conhecimento na sociedade, pois além de propiciar a inovação por meio de pesquisas e sua aplicação, tem formado uma grande quantidade de pesquisadores ao longo dos anos, que serão capazes de utilizar as novas tecnologias implementadas. De forma consequente, a universidade propicia a inserção na sociedade de profissionais que poderão absorver novas tecnologias e, então, impacta positivamente a sociedade em todas as áreas. Os autores informam que o aumento da provisão de capital humano, com conhecimento técnico-científico promove, na proporção, avanço econômico e científico da sociedade, pois o desenvolvimento está diretamente ligado ao recurso humano especializado (CHIARINI; VIEIRA, 2012).

Audy (2017) considera que a inovação acontece na universidade de forma transformadora e exemplifica com base na sua teoria ao comentar sobre a inovação disruptiva, que pode ocorrer de três formas diferentes na academia. A primeira é com as tecnologias de aprendizagem online, que trazem o conhecimento para mais perto. O autor considera que não importa a avaliação dos educadores, esse tipo de aprendizagem causa transformação e traz mudanças significativas, que irão alterar o ensino. Mudanças rompem com o *status quo* e surgem retaliações ao novo modelo, com prerrogativas de contraposição tais como, não se

sabe as consequências, mas o fato é que as novas metodologias são reais. Audy (2017) alerta para o fato de que as mudanças exigem novas posturas de atualização e modernização, o que pode gerar medo. No entanto, a transformação do ensino é inevitável e, ao menos, deve causar a reflexão do ensino tradicional.

A segunda maneira é pela transformação do trabalho e da aprendizagem continuada, pois, diferentemente do início da civilização na Grécia, quando o conhecimento era mais agregado e ensinado de forma conjunta, a sociedade mudou no sentido de desagregar o ensino e isso se reflete na profissão, sendo assim, novas carreiras têm surgido, trabalhos específicos; educação digital e a demanda por novas formas de aprendizagem; demandas por resolução de problemas complexos da sociedade; e, ainda, a necessidade de aprender a aprender, e da educação continuada (AUDY, 2017).

Para Audy (2017), a universidade é propulsora do desenvolvimento social e econômico, porque se o início da missão da universidade era o ensino, hoje, com a formação de pesquisadores e com a implementação dos projetos científicos, causa mudanças na sociedade e isso a torna base de sua transformação social e econômica, pela transferência de conhecimento e tecnologias. O seu papel, atualmente, envolve a promoção de interações, como:

(a) participação de empresas de tecnologias e inovadoras, (b) relação com Universidades e Centros de Pesquisa, (c) serviços especializados qualificados, como gestão da propriedade intelectual, acesso a redes internacionais, contato com investidores e acesso a capital de risco, uso de laboratórios de pesquisa e desenvolvimento compartilhados, (d) espaços de convivência, descompressão e tecnologias limpas e (e) acesso a redes locais e globais, de negócios, de ciência e de tecnologias (AUDY, 2017, p. 81)

Importante ressaltar, conforme Chiarini e Vieira (2012), que nem sempre a universidade tem estrutura para a pesquisa e inovação, ficando o perfil da pesquisa mais a cargo das instituições públicas, e que nem mesmo entre as públicas pode haver uma generalização, destacando-se as federais nesse segmento. Sendo, portanto, o papel das universidades tão relevante, deve ser incentivado, tanto pelo governo como por empresas e, também, pela sociedade, pois sua participação beneficia a todos os envolvidos. Sendo assim, “A produção de conhecimento e de inovação deriva de uma dinâmica não linear e de interações recursivas entre os agentes envolvidos” (MACHADO; SARTORI, 2018, p. 487).

2.4.1 Tipos de Conhecimento

Em uma experiência internacional, são muitas as vivências que se experimenta em outro país, ou seja, adquire-se um conhecimento intercultural, específico em determinada cultura, dependendo do país de destino. Esse conhecimento experimentado em outro país pode remeter ao que Vemuri (2014) considera como capital, cujo significado, em economia, origina-se do complexo de transações e trocas. O autor analisa que a ocorrência de cada tipo de “capital” ou conhecimento, dependerá de muitas variáveis que podem ocorrer tanto na nação de origem quanto no país de destino do expatriado e apresenta nove tipos de conhecimento (VEMURI, 2014).

- a) **Histórico** – é um conhecimento baseado nas experiências anteriores, nas condições de gênero, outras experiências internacionais, nas construções e reconstruções baseadas em interações com outras pessoas, tanto levando-se em consideração as realizadas no país de origem, quanto aquelas feitas no país de destino. Então, este capital está relacionado à individualidade de vida de cada um, sua receptividade emocional, psicológica e, ainda, suas experiências geográficas.
- b) **Humano** – é uma compilação das capacidades que o expatriado possui, que vai depender do seu conhecimento anterior, da educação que recebeu, de como foi treinado e de quais dão suas habilidades, e vai além quando também recebe influência do seu emocional, mental, da sua saúde física e de suas particularidades características.
- c) **Financeiro** – é o conhecimento que estabelece como entrar nos processos de produção, geralmente na questão de investimento financeiro, esperando um retorno maior de recursos.
- d) **Cultural** – É o conhecimento gerado pelo envolvimento com os fatores culturais que acabam por definir a identidade individual de cada um, ao mesmo tempo em que define as políticas para os imigrantes.
- e) **Político** – É um conhecimento que reflete a questão da confiança e da verdade, que podem influenciar nas decisões das questões políticas e no pensamento dos partidos.
- f) **Econômico** – É um capital relativo ao montante que se considera necessário para que se consiga cobrir todos os gastos relativos à experiência internacional.
- g) **Social** – Este conhecimento é relativo a uma visão mais direcionada, pois considera as associações formadas entre as pessoas, que estão baseadas nas relações sociais e nas normas que regem a convivência em sociedade; que acabam influenciando os resultados não somente no país de destino, mas no de origem também.

- h) **Natural** – Esse tipo de conhecimento envolve ativos naturais, individuais, de habilidades, que afetam a performance quanto a regras e recursos para o desempenho de serviços na contribuição da produção econômica.
- i) **Administrativo** – Este conhecimento refere-se ao conhecimento necessário para que o expatriado possa lidar com as questões políticas, tanto em seu país de origem como de acolhimento, para assimilar as questões legais administrativas. Este capital é muito significativo, principalmente quando os governos estão fazendo mudanças na qualidade de serviços oferecidos à população em ambientes restritos e globalizados.

Importante destacar que Vemuri (2014) considera que a mensuração desses capitais não é fácil, porém deixa evidências de que esse capital será aproveitado em situações diversas em outro momento pelo expatriado, ou seja, essa assimilação de conteúdos, cultura e experiências no exterior, não será importante somente para o momento do intercâmbio, mas se constituirá em um “capital” de conhecimentos ao qual o acadêmico poderá recorrer em várias situações e oportunidades na continuidade de sua vida, não só no contexto do estudo, mas mais amplamente para todas as áreas de sua vivência pessoal também.

2.4.2 Compartilhamento do Conhecimento

A sociedade atual se diferencia, principalmente, por ter uma conectividade constante, ou seja, sempre está ligada ao que acontece no mundo ao seu redor, por permitir um compartilhamento instantâneo desses fatos e acontecimentos, de dados e informações, além de possibilitar a difusão e divulgação nas redes por troca (ALVES; BARBOSA, 2010). Dessa forma, o compartilhamento, nesta sociedade, é mais do que simplesmente transmitir dados ou informações, mas resulta diretamente na criação de novos conhecimentos, uma vez que não só propicia o melhor aproveitamento dos conhecimentos existentes, mas reflete na geração de novos conhecimentos (CHIARA; ALCARÁ; ROMAÉL, 2010).

Davila *et al.* (2015, p. 46) afirmam que “a criação do conhecimento tem origem na informação”. Mas para se entender essa assertiva é preciso compreender que a informação se constitui de dados conectados em um contexto e que, por isso, formam um significado. Os autores consideram a assimilação do conhecimento em etapas, sendo que primeiro vem a criação, depois o compartilhamento, depois a aplicação e, por último, a geração de valor. A criação do conhecimento precede o seu compartilhamento, pois é a partir da existência de um conteúdo, ou seja, do seu surgimento, é que se pode desenvolver o seu compartilhamento. O

Quadro 4 apresenta os elementos da gestão do conhecimento, e pode-se observar que as viagens representam uma forma de captura de conhecimento.

Quadro 4: Elementos da Gestão do Conhecimento

Criação / Captura de conhecimento	<i>After Action Review (AAR)</i> <i>Brainstorming</i> <i>StoryTelling</i> (com especialistas externos convidados) VIAGENS e visitas a feiras
Compartilhamento / Disseminação de conhecimento	Brainstorming Café do conhecimento Reuniões informais Reuniões formais (periódicas) Sistema Integrado para Gestão dos Núcleos <i>StoryTelling</i> (entre empresas do núcleo) Visitas técnicas entre empresas
Aquisição / Aplicação de conhecimento	Espaços de colaboração física (salas de trabalho equipadas) <i>Cluster</i> do Conhecimento Grupos para solução <i>Workshops</i>

Fonte: Davila *et al.* (2015, p. 58)

Importante destacar que gestão do conhecimento implica em controle, porém é preciso considerar que o conhecimento está diretamente relacionado a um processo que envolve o ser humano de forma individual e social, necessitando-se de empatia para o seu compartilhamento (TORINO, 2010, p. 19).

Conforme Takeuchi e Nonaka (2008), para que aconteça a criação de um novo conhecimento, é necessário que exista uma interação entre o conhecimento tácito e o explícito, que pode ocorrer de forma individual ou coletiva dentro de um contexto. Ou seja, quando uma informação é externada, independente de ser para uma pessoa ou mais, poderá ser apreendida e convertida em conhecimento tácito. Para Davila *et al.* (2015, p. 59), “o conhecimento compartilhado pelo expositor externo é transmitido como informação, serve como base para a criação de um novo conhecimento”. É, portanto, um processo cíclico.

Freire e Espanhol (2014) salientam que o conhecimento é um fator de produção, principalmente em áreas como a tecnologia e informática, que surgiram nesse interim de transformações. É inegável que o país que entender o conhecimento como um fator que atrai

pesquisadores e estudiosos de todo o mundo conseguirá reter esse público detentor de conhecimento (GUIMARÃES; OLIVEIRA, 2016).

Davenport e Prusak (1999, p. 6) definem conhecimento como uma “mistura fluída de experiência condensada, valores, informações contextuais e *insight* experimentado, que proporcionam uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações”. Este conhecimento pode se estabelecer de forma tácita ou explícita. De acordo com Melo (2003), o conhecimento tácito se origina “de experiências vividas pelo indivíduo como elemento observador de seu mundo em diversos cenários. Trata-se de um tipo de conhecimento incorporado ao ser que muitas vezes sequer tem consciência de sua existência”. De acordo com Davila *et al.* (2015), o conhecimento tácito se enquadra como subjetivo, que não verbaliza as informações e que acaba por ser de difícil armazenamento ou reprodução.

Bessi *et al.* (2017) salientam que o conhecimento é geralmente designado de duas maneiras, que é o tácito e explícito. Sendo o tácito de difícil codificação, pois se subdivide em *know how* e cognitivo, que é a soma de crenças e verdades intrínsecas; já, o explícito é de fácil codificação e compartilhamento, uma vez que pode ser sistematizado e facilmente utilizado. Sendo o conhecimento explícito aquele que é expresso em palavras, documentos escritos e procedimentos, e pode ser registrado em rotinas, fórmulas, dados; ou seja, esse tipo de conhecimento pode ser trocado e compartilhado entre as pessoas. Por sua vez, o conhecimento explícito, para Souza (2014), é direto e, por isso, manifesta, de forma escrita, falada ou divulgada, a informação. Davila *et al.* (2015) corrobora, enfatizando que este tipo de conhecimento pode ser sistematizado e codificado facilmente para ser compartilhado.

Miranda (2004, p. 12) define esses dois tipos de conhecimento como:

O conjunto de saberes baseado na informação que se torna justificada, verdadeira e confiável, assumindo caráter cumulativo e compõe-se de duas vertentes: a tácita, própria do indivíduo e, portanto, subjetiva, e a explícita, externa ao indivíduo, também denominada conhecimento objetivo (ou objetivado).

Conhecer é transformar o objeto e transformar-se, a origem do conhecimento parte do trabalho humano, pois é construído socialmente. Só há aprendizagem quando o homem, em suas interações com o mundo, supera desafios e transforma essa realidade (DAVENPORT, PRUSAK, 1999).

O compartilhamento do conhecimento ocorre na interação, quer seja individual ou coletiva, quer seja explícita, formatada, ou mesmo, a que acontece de forma espontânea. Para Chiara, Alcará e Tomaél (2010) o compartilhamento ocorre na interação e no relacionamento

das pessoas. É importante perceber que esse processo é o meio pelo qual se estabelece a transferência do conhecimento aos indivíduos que participam dele, ou seja, conforme Rangel *et al.* (2012, p. 2), quando “[...] orientada para a interação e a construção do conhecimento de forma colaborativa, em que se reconhece o aprendente como sujeito do seu processo de aprendizagem e estimula-se a atividade educativa[...]”.

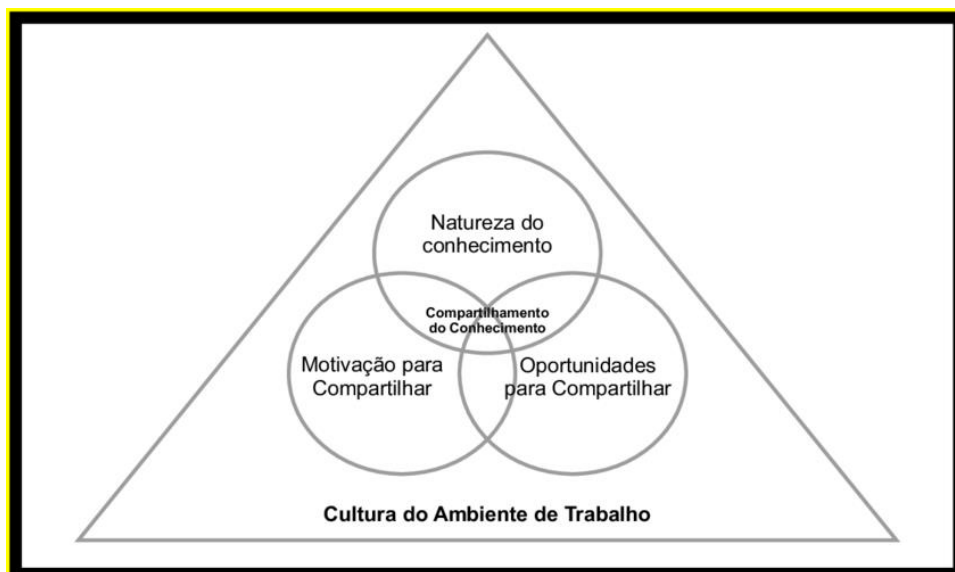
No Quadro 5, apresenta-se algumas formas de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior.

Quadro 5: Formas de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior.

Formas de Compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior
Apresentação de trabalhos e seminários em simpósios
Participação em comunidade virtual de referência
Realização de relatório das atividades realizadas
Proferir palestras sobre a experiência internacional
Auxiliar colegas que terão experiência no exterior
Publicar artigo científico sobre o assunto
Criar um manual "passo a passo" do intercâmbio
Criar um vídeo com as experiências do intercâmbio
Criar um vídeo sobre as atividades técnicas realizadas no exterior
Fazer a interação de amigos com contatos do exterior

É possível afirmar que o conhecimento repatriado não se perde, mas é transferido a outros para novas assimilações que tornam ao ciclo do conhecimento e é convertido em nova aprendizagem. Na Figura 3, de acordo com (IPE, 2013), pode-se ver que o compartilhamento está intrinsicamente ligado à motivação e às oportunidades para sua efetivação.

Figura 3: Compartilhamento do Conhecimento



O compartilhamento pode acontecer de diversas formas, “as oportunidades podem ser de natureza formal e informal [...]” Alcará *et al.* (2009, p. 174). Assim, o conhecimento adquirido é repatriado, não somente de maneira tácita, mas explícita, formalizada, o que pode abranger um número maior de alunos e ter um resultado mais efetivo, pois Steil (2007) afirma que o compartilhamento do conhecimento acontece melhor quando as pessoas do próprio grupo explanam suas visões e entendimentos, pois esse compartilhamento é mais produtivo quando ocorre nas interações de grupos de trabalho e de comunidade de prática, pelas trocas de interpretações da realidade e dos princípios individuais dos participantes. Rangel *et al.* (2012) afirmam que a interatividade possibilita novos entendimentos, cria novos percursos e valida as escolhas de ações e respostas aos estímulos interpessoais. Davenport e Prusak (1999) e Dixon (2000) enfatizam que a melhor forma de interação é aquela que se faz face a face, pois nesse tipo de transmissão existe a informalidade e a proximidade física, o que facilita o processo.

Em relação ao capital cultural, ele é uma das segmentações entre o econômico e o social. “A transmissão do capital cultural e das disposições favoráveis à vida escolar só poderia ser feita por meio de um contato prolongado, e afetivamente significativo” (NOGUEIRA, C.; NOGUEIRA, M., 2002, p. 27). Para Luiz *et al.* (2018, p.65), o social se refere a “relacionamentos, filiações a instituições e rede de relacionamentos”, que complementa com o capital cultural como “acesso a conhecimento e informações ligados a uma cultura específica [...]” (LUIZ *et al.*, 2018, p. 65).

Importante ressaltar que o compartilhamento necessita para o desenvolvimento de suas atividades tanto de conhecimentos interdisciplinares quanto multidisciplinares, conforme

Chiara, Alcará e Tomael (2010), pois, de acordo com os autores, o conhecimento não é compartilhado de forma impositiva, ou simplesmente por estruturas de ferramentas, mas na interatividade prática da imersão social. Sendo assim, na visão dos autores, são segmentados dois tipos de compartilhamento: o **emergente**, que tem sua fundamentação nas interações práticas e o de **engenharia**, que advém de visões com contribuições da gestão de conhecimentos já determinados a favor da prática. Holste e Fields (2010) consideram, também, dois tipos de compartilhamento que contribuem para a transmissão do conhecimento tácito, aquele cuja confiança é baseada em **afetividade** e aquele cuja confiança é baseada no aspecto **cognitivo**.

Uma observação interessante sobre o compartilhamento do conhecimento tácito é feita pelos autores Holste e Fields (2010), quando informam que estudos revelam a importância da proximidade afetiva para que o conhecimento tácito seja transmitido de forma natural, como a um aprendiz, pois as relações de confiança reduzem os riscos e incertezas do processo. Além disso, os autores afirmam que a transferência baseada na afetividade tem uma influência maior na transmissão de conhecimentos. Segundo Torino (2010), a gestão das informações é o próprio ciclo do conhecimento, na medida em que o ciclo se configura na identificação, obtenção (armazenamento), que tem seu ápice no compartilhamento, e depois vai estimular a geração e utilização de novos conhecimentos, fechando-se assim o círculo, num movimento cíclico.

Ainda, é possível assimilar que atualmente algumas ferramentas de gestão podem ser utilizadas a partir de suportes tecnológicos, como a formação de redes e ambientes virtuais em meios tecnológicos, segundo Alves e Barbosa (2010), o que se configura em uma opção de atuação de compartilhamento. Embora Torino (2010) enfatize que o compartilhamento de informações e conhecimentos, no meio de pesquisa e desenvolvimento, é considerado mais efetivo quando feito “*face to face*”.

A partir do entendimento desse recurso, pode-se concluir que, pela participação humana, o processo de compartilhamento é extremamente frágil, precisando que existam ferramentas de acompanhamento, para incentivar o envolvimento pessoal a fim de que este se torne efetivo (TORINO, 2010).

2.5 INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

O processo de internacionalização desencadeia uma explosão na produção e transmissão de informações, que a partir da internet e de outros meios de comunicação,

anulou barreiras geográficas, reduziu o desconhecimento de uns povos sobre os outros e estabeleceu outros meios de sociabilidade (FREITAS, 2009).

Morosini e Nascimento (2017, p. 2) consideram que a internacionalização é uma das principais prerrogativas da academia atualmente, “via de regra, ela está relacionada à qualidade, à excelência, à inovação, ao conhecimento e a outros diferentes temas [...]”. É importante destacar que mesmo que o Brasil não apresente o mesmo número de pesquisas em relação a outros países, tem se posicionado favorável ao crescimento da internacionalização na educação.

Assim, muitos alunos já alcançaram uma oportunidade de intercâmbio internacional, lembrando que nessas experiências interculturais acontece, conforme Gallon, Fraga e Antunes (2017), a mudança da visão de mundo, da ampliação do conhecimento, d abertura de novos horizontes, pois leva o participante à quebra de paradigmas.

Esse fato pode ser constatado pelas políticas educacionais do país, que cobram a internacionalização das instituições como prerrogativa para uma boa avaliação por parte dos órgãos competentes. Sendo assim, para que se obtenha conceitos de excelência são necessárias ações nessa área específica. Esse fator de cobrança é tanto para cursos de graduação como de pós-graduação, levando-se em consideração o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior - SINAES e considerando o Plano Nacional de Educação - PNE, com referência à internacionalização para o futuro do país (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017).

Para melhorar a qualidade das produções nacionais, busca-se estratégias para que a internacionalização aconteça em várias áreas do conhecimento e que ocorra da melhor forma possível. A busca por internacionalização no país, procura formar pesquisadores especializados para concorrer no cenário internacional, pois para transitar nesses meios há uma exigência por qualificação (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p. 7). Os autores resumem a questão da internacionalização nacional da seguinte forma:

Identificam-se, por um lado, estudos produzidos por e para uma realidade sócio-histórica desenvolvida; e, por outro, poucos estudos, nos quais a busca da equidade é o princípio dominante, que se voltam a realidades marcadas por contradições sociais/ econômicas internas. Nestes, a internacionalização tem a potencialidade de exercer um papel de auxílio à construção de uma identidade local e ao desenvolvimento socioeconômico. (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p.19).

Dessa forma, pode-se resumir a situação da internacionalização no país, com a tendência ao aumento das produções em parcerias internacionais, bem como a produção em

várias áreas do conhecimento, com destaque para a área de ciências humanas e sociais, ou seja, administração e educação. Existe uma pequena produção nacional em comparação à internacional, mas com tendência da presença positiva da internacionalização em suas pesquisas, e a prevalência do estado como órgão regulador de políticas de sua implementação (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017).

2.5.1 Mobilidade Internacional

A mobilidade internacional tem se configurado como um dos fatores de grande impacto na modernidade, uma vez que a movimentação de pessoas de um país para o outro, que tem acontecido nas experiências internacionais, transforma a sociedade de diversas formas. Sendo assim, a definição de mobilidade vai muito além da simples análise quantitativa do deslocamento de A para B, ou seja, mudança de um país para o outro, mas abrange uma série de fatores, que são decorrentes do movimento social das mudanças de espaços e de estruturas culturais, que se refletem na transformação urbana e familiar, alteradas pela migração geográfica (MARANDOLA JR., 2008).

Sobre a mobilidade internacional, um ponto destacado por Cavalcante, Guedes e Püschel (2018) é a questão de não haver tanta divulgação pela mídia como deveria, ou seja, há poucas publicações sobre o assunto, e deveria ser um tópico mais difundido, pois as informações de experiências “extramuros” da academia fazem parte dessa nova metodologia de valorização de experiências internacionais como estratégia de qualidade de ensino. Conforme Cavalcante, Guedesi e Püschel (2018), mobilidade internacional é o mesmo que internacionalização, no sentido do intercâmbio ser um dos processos que fazem parte da internacionalização.

Dalmolin *et al.* (2013) afirmam existir apoio às experiências internacionais, que são motivadas tanto pelo Ministério da Educação - MEC como pelas instituições de ensino superior, que fomentam essa atividade na graduação e pós-graduação, com bolsas e programas internacionais. Isso se deve a uma busca por melhorar a qualidade do ensino com novas metodologias, que além de proporcionar experiências interculturais, irão agregar eficiência ao futuro profissional do acadêmico, uma vez que essa mobilidade capacita o acadêmico no sentido pessoal, social e profissional. Os autores indicam uma tendência de continuidade de investimento por parte do governo brasileiro, no sentido de incentivar a mobilidade, com a finalidade de proporcionar, aos estudantes brasileiros, experiências significativas no exterior.

Mobilidade acadêmica internacional é a possibilidade de alunos da graduação ou pós-graduação poderem realizar parte de seus estudos em uma instituição em outro país e ela tem se constituído como um fator fundamental para o desenvolvimento da graduação e pós-graduação no país, Alvarez (2013). Tanto que as mudanças nos processos da CAPES de validação, dupla certificação e da creditação, como da aplicabilidade dos acordos internacionais têm sido necessárias.

2.5.1.1 Intercâmbios - Instituições de Ensino

Dalmolin *et al.* (2013) consideram que a experiência internacional agrega valores ao indivíduo, tanto em nível pessoal quanto profissional. Para os autores: “a experiência de viver em outro país proporciona conhecer hábitos diferentes e específicos, abre novas perspectivas [...]”; pois a pesquisa no exterior tem grande importância no sentido de trazer o aperfeiçoamento de técnicas em coleta e análise de dados e formulação e execução de projetos. Esse processo de aprendizagem também qualifica o currículo de quem participa do intercâmbio, pois há a interação de novas técnicas e procedimentos de pesquisas interculturais. Os autores consideram ainda que essas experiências podem beneficiar a permuta de conhecimentos, a internacionalização e inovação da pesquisa científica e a consolidação dos saberes.

Vale destacar que o conhecimento adquirido, as pesquisas realizadas e os projetos elaborados, ao serem apresentados em simpósios, congressos ou encontros, divulgam o trabalho desenvolvido no sentido de receber sugestões e críticas, para o seu aperfeiçoamento e posterior publicação, com o benefício da socialização do conhecimento (DALMOLIN *et al.*, 2013).

É comum, na gestão de instituições de ensino de nível superior, a realização de acordos de cooperação internacional, conforme (DALMOLIN *et al.*, 2013). Cada vez mais, valoriza-se a internacionalização de ações, tanto em ofertar possibilidades de qualificação internacional ao quadro de docentes e discentes, principalmente na pesquisa, para equalização e qualificação dos pares. Oliveira e Freitas (2017, p. 777) consideram que “falar de interculturalidade no contexto universitário remete-nos à questão do processo de internacionalização do Ensino Superior, que tem ampliado os encontros e as convivências de diferentes realidades culturais no espaço acadêmico”. Os programas de intercâmbio têm buscado fomentar a internacionalização da ciência e das novas tecnologias (DALMOLIN *et al.*, 2013). Os autores argumentam que uma das maneiras de sair da convencionalidade da

formação tradicional é por meio da internacionalização, com a experiência teórica e prática, participação em grupos de pesquisa e também em congressos internacionais que, ainda, trazem visibilidade internacional à instituição que os abriga, proporcionando a formação de parcerias para desenvolvimento de atividades conjuntas.

Nesse viés, existem muitos convênios de intercâmbio entre várias instituições, dentre os quais alguns que concedem bolsas de estudo de intercâmbio internacional, como a CAPES (2019), para a fomentar a capacitação docente em vários níveis; e o MEC (2019), com bolsas de intercâmbio para discentes, como por exemplo o Unibral, para a Alemanha, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC e outros. Dalmolin *et al.* (2013) afirmam que as parcerias de convênio internacional são pensadas após a constatação dos benefícios que a experiência no exterior traz aos que dela participam, uma vez que os intercambistas voltam melhores preparados para a vida acadêmica, social e profissional. Sendo assim, instituições de ensino enviam professores e alunos para o exterior para terem uma experiência internacional, no intuito de preparar melhor o seu quadro docente, bem como seus acadêmicos.

Da mesma forma, docentes participam no exterior de cursos de Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado, fazem apresentação de trabalhos e artigos e, ainda, são convidados para ministração de aulas e participação em projetos e pesquisas conjuntas. De acordo com Dalmolin *et al.* (2013), esse tipo de intercâmbio advém da necessidade de capacitação no desenvolvimento de habilidades e competências, sendo que muitos acordos internacionais são firmados com a visão da internacionalização das instituições, para qualificar seus docentes e oportunizar aos seus discentes a participação nos processos de parcerias internacionais. Oliveira e Freitas (2017) consideram que a universidade propicia a interação e o intercâmbio de conhecimentos.

O Programa “Ciência sem Fronteiras” chegou a levar milhares de alunos para vários países, nessa vivência de uma experiência internacional de novos conhecimentos e compartilhamento de vida, mas o MEC reeditou esse programa (MEC..., 2017).

2.5.1.2 Intercâmbio – Instituições Governamentais

Alguns programas de instituições governamentais que podem ser citados são: O Ciência sem Fronteiras que é um programa que visa à internacionalização da pesquisa, inovação e tecnologia no país, criado por uma iniciativa governamental, com participação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI e do MEC. O Programa Ciência sem

Fronteiras, conforme Guimarães (2012), visa proporcionar a possibilidade de intercâmbios a graduandos e pós-graduandos, lato e stricto sensu, desde doutorado sanduíche a mestrados profissionais. Em todos os níveis da academia, incentiva a pesquisa científica e inovação tecnológica, para propiciar o contato com a pesquisa de ponta; além de fomentar o interesse de pesquisadores na participação parceira com nossos pesquisadores.

A CAPES, que contribui para o ensino superior no sentido de possibilitar a capacitação dos seus docentes, uma vez que investe em programas de bolsas no exterior, enviando docentes para concluir ou fazer parte de sua especialização em outro país (CAPES, 2019). O seu nível de abrangência é o doutorado sanduíche, doutorado pleno, professor visitante no exterior, cátedra e pós-doutorado. São quatro tipos de pesquisas: a pesquisa conjunta com professores de outros países, com mobilidade internacional dos pares; parcerias universitárias, na qual dois países fazem acordo para aproximar a sua matriz curricular, por meio do intercâmbio discente; projetos institucionais, para fomentar a internacionalização; e projetos associativos no mesmo país para maximizar os resultados acadêmicos (CAPES, 2019).

O CNPq, que tem por missão promover o desenvolvimento da pesquisa e tecnologia no país, além de incentivar a formação de pesquisadores em nível nacional. Desde sua criação participa do processo do fomento da pesquisa na formulação e acompanhamento de políticas de pesquisa, tecnologia e inovação; incentivando a pesquisa no país e, também, dando visibilidade à pesquisa e pesquisadores nacionais internacionalmente (CNPq, 2019).

2.5.1.3 Intercâmbios – Instituição Financeira

Existe, ainda, o intercâmbio em instituições financeiras que fomentam a internacionalização, na participação no processo incentivador de professores e alunos com a concessão de bolsas de estudo. É o caso de um banco internacional privado, financiador de intercâmbios há muitos anos, para centenas de instituições de ensino ao redor do mundo. Esse fator de incentivo impulsionou o crescimento da atividade de intercâmbios internacionais ao longo dos anos de sua parceria.

A motivação para esse patrocínio está descrita em Santander (2019), que informa a concessão desse benefício financeiro para proporcionar uma vivência internacional que contribua para o aprimoramento estudantil e se reflita em suas carreiras, ou seja, envia alunos para países que possuam convênios com suas instituições parceiras, na América do Sul,

Central e Europa, para que estudem um semestre naquele local. Ainda, possui outros programas mistos para docentes e discentes, como o *Top Spaña*.

No Programa de Bolsas Universidades, mais especificamente o Ibero-Americanas, os participantes selecionados podem escolher entre centenas de instituições em vários continentes, pois a listagem é disponibilizada no site da instituição para análise e decisão do intercambista. Segundo informação do patrocinador Santander (2019), o seu propósito é contribuir com os estudantes no sentido de fortalecer o seu aprendizado em sua formação acadêmica e que esse fator possa se refletir em sua vida profissional, abrindo possibilidades de empreendedorismo, sendo esses os principais motivos desse Programa de Bolsas de Estudo.

Um dos critérios de seleção, de acordo com o edital, é a partir do desempenho do aluno, ou seja, a média de nota dos alunos nas matérias de seu curso; dessa forma, a escolha seria, primordialmente, por mérito de notas; sendo assim, alcança a bolsa o aluno que tem melhores resultados escolares dentre os que se inscreveram para o intercâmbio, de acordo com a orientação do Santander (2019), a escolha de alunos deve ser pelo excelente desempenho de notas e outro critério norteador é ter uma condição econômica desfavorável.

A lista de universidades conveniadas tem centenas de parceiras do Programa de Bolsas, pois, conforme Santander (2019), participam de um acordo mútuo de cooperação para que tanto a instituição que recebe o aluno, como a que envia, dê todo o suporte ao aluno participante do intercâmbio, deixando-o bem mais tranquilo e confiante para estudar em outro país, longe dos seus conhecidos e familiares.

Também, o Santander (2019) exige aproveitamento satisfatório do estudo no país de destino, uma vez que se trata de um intercâmbio estudantil e o principal objetivo da viagem é para que tenham a experiência de um intercâmbio internacional de estudos, na aquisição de conhecimento, com vistas ao seu aprimoramento acadêmico e cultural, pois o intercâmbio não prepara somente na participação de atividades acadêmicas, mas para uma aprendizagem da história e cultura local, o que certamente enriquece sua visão de mundo (DALMOLIN *et al.*, 2013).

2.5.1.4 Intercâmbios - Instituição Independentes

Além das instituições de ensino, governamentais e financeiras, existem as instituições independentes, que investem altos valores, entre as quais citamos:

Rotary, que tem como mote para suas quotas de Bolsas Rotary pela Paz, “[...] contribuem para um mundo melhor e fazem da paz uma prioridade” Rotary (2019), Essa organização, sem finalidades lucrativas, proporciona intercâmbios que visam profissões que têm a ver com a paz. Essas bolsas abrangem os valores relativos à passagem, hospedagem e alimentação.

São 50 bolsas outorgadas para a realização de mestrado e mais 50 para a realização de cursos de aperfeiçoamento profissional, sempre com a intenção de viabilização da paz mundial. No programa de bolsas, alguns critérios são exigidos dos selecionados:

- a) Ser fluente em inglês;
- b) Demonstrar sério compromisso com a paz e compreensão mundial;
- c) Ter excelentes habilidades de liderança;
- d) Para o mestrado: ter bacharelado e pelo menos três anos de experiência voluntária ou profissional em período integral;
- e) Para o aperfeiçoamento profissional: ter no mínimo cinco anos de experiência voluntária ou profissional e histórico acadêmico exemplar;

3 METODOLOGIA

O presente estudo de dados é do tipo quantitativo, desenvolvido a partir de fundamentação teórica. Realizou-se uma verificação com os termos de busca: “expatriação / expatriado / repatriação / repatriado” nos bancos de dados da *Scielo* e *Speel*. Esse levantamento bibliográfico se deu para referenciar as publicações sobre o tema até as datas pesquisadas (início de 2019).

Sendo assim, no dia 16 de setembro de 2018 foram pesquisadas as palavras: “expatriação e expatriado e repatriação e repatriados” no banco de dados *Speel* e, no dia 17 de setembro, foram pesquisadas as palavras “expatriação e repatriação” no banco de dados *Scielo*. No dia 23 de setembro, foram pesquisadas as palavras “expatriado e repatriado” no banco de dados *Scielo*. Como resultado da pesquisa, diversos artigos foram encontrados e utilizados neste trabalho, conforme Anexo I do banco de dados *Speel* e *Scielo*.

Posteriormente, em continuidade ao processo de pesquisa das palavras, percebeu-se ser importante, ainda, a pesquisa de mais duas locuções, que foram consultadas no dia 26 de junho de 2019, as palavras “intercâmbio internacional” e “mobilidade internacional” (de forma conjunta); uma vez que a palavra “mobilidade” (separadamente) remeteu a 439 artigos, sendo muitos deles específicos, direcionados à mobilidade física na área médica, e à mobilidade urbana, na área da logística. Ainda, intercâmbio internacional, por ser conceito base do tema dessa pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa quanto a intercâmbio internacional apresentou 229 artigos no banco de dados *Scielo* e 2 no *Speel*, totalizando 231 artigos sobre o assunto. Já, quanto à mobilidade internacional foram encontrados 2 artigos no Banco de dados *Speel* e 165 no *Scielo*, totalizando 167 artigos. Essa pesquisa listou 525 artigos no total dos dois bancos.

O critério para utilização dos artigos foi a proximidade do conteúdo, bem como a presença de definições relativas às palavras-chave deste trabalho, além da correlação ao tema do artigo. Sendo assim, os que apresentavam maior relevância e aderência ao foco desta pesquisa foram inseridos, pois havia muitos pontos de intersecção, como por exemplo a definição das palavras relacionadas a intercâmbio internacional e mobilidade internacional, e seria importante manter esses artigos pesquisados dos dois bancos de dados.

O tipo de pesquisa é de natureza quantitativa, em uma instituição de ensino superior privada, fundada em 1990, que atuava predominantemente com dois tipos de intercâmbio: o Ibero-Americano, em parceria com um banco privado, e o Ciência sem Fronteiras, vinculado ao Governo Federal. Assim como com o Rotary, com inserção de alguns intercâmbios,

incentivados por essa entidade. A escolha do caso é devido à proximidade de identificação profissional, bem como ao interesse de levantar informações relevantes de intercâmbio na referida IES e no Rotary, para avaliar os resultados da experiência internacional vivida.

Foram usados dados quantitativos, obtidos por questionário previamente estruturado enviado para os alunos que participaram de intercâmbio acadêmico internacional entre os anos 2011 e 2019. No total, 176 alunos e ex-alunos, sendo 104 do Programa Ibero-Americano, 12 do Rotary e 60 do Ciência sem Fronteiras.

O questionário, anexo XIII, é composto por 42 questões sendo 11 questões abertas e 31 objetivas. As perguntas abertas se concentram no início e final do questionário, que é onde questiona sobre a identificação do participante e, ao término, no caso de alguma informação não solicitada no roteiro de perguntas.

O questionário está dividido em 5 partes, sendo elas:

I - Identificação;

II - Dados sobre o intercâmbio;

III - Tipos de intercâmbio;

IV - Formas de compartilhamento na repatriação;

V - Conhecimento e aprendizagem.

As seis primeiras questões da I parte, que é referente à identificação, são abertas e contemplam os dados pessoais do participante. A parte II apresenta nove questões para definir os parâmetros do intercâmbio realizado, pois dependendo dessa resposta o participante será deixado como amostra.

A partir da III parte, com uma questão subdividida em onze respostas sobre tipos de conhecimento, começam as informações sobre o conteúdo do intercâmbio. Depois, na parte IV, tem uma questão quanto às formas de compartilhamento do conhecimento, que busca subsídios para a análise do aproveitamento dos conhecimentos obtidos com a experiência internacional. E na parte V, são 15 perguntas sobre a assimilação dos tipos de conhecimentos, que podem ser adquiridos no exterior, dependendo das variáveis de cada aluno. E, ainda, duas questões sobre o desejo de ainda compartilhar o conhecimento adquirido e um espaço para que se manifeste em alguma questão que ache importante e que não tenha sido questionado especificamente.

Importante destacar que na elaboração de 24 do total de questões foi utilizada a escala de *Likert* para compreender o grau de intensidade das respostas, sendo:

5 – MUITÍSSIMO

4 – Bastante

3 – Mais ou Menos

2 - Pouco

1 – Muito Pouco

No Quadro 5, é possível ver a divisão das questões em relação aos objetivos específicos e o nome do autor em que se basearam, como fundamentação teórica.

Quadro 5: Objetivos e questões

OBJETIVO	QUESTÃO N°	AUTOR
Contextualização Geral	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11, 12, 13, 14, 15 e 42	Vemuri (2014), Gonçalves (2013)
1° específico	28, 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36	Vemuri (2014)
2° específico	27, 37, 38, 39, 40 e 41	Davila <i>et al.</i> (2015)
3° específico	16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 26	Guimarães e Oliveira (2016); Dalmolin <i>et al.</i> (2013)
4° específico	24, 25, 29	Guimarães e Oliveira (2016); Dalmolin <i>et al.</i> (2013)

A partir desse embasamento teórico, foi aplicado o questionário (anexo II) a participantes do intercâmbio internacional, do Programa de Bolsas Ibero-Americanas da Agência Financeira patrocinadora, que tem parceria com a Instituição de Ensino Superior do Estado do Paraná e que oportuniza um intercâmbio de aproximadamente 6 meses no exterior para o discente participante. Foi aplicado a 104 alunos de cursos de graduação dessa referida instituição, que ao longo dos últimos 9 anos participaram de intercâmbios internacionais em países ibero-americanos como Chile, Portugal, México e outros, com duração de até um semestre, para desenvolver atividades acadêmicas e culturais no exterior. Assim, como também a 60 alunos que participaram do Programa Ciências sem Fronteiras, que era subsidiado pelo Governo Federal e, atualmente, desde 2017, está suspenso em suas atividades de envio de alunos ao exterior. E, ainda, a 12 intercambistas do Rotary, que se enquadravam no perfil de realização de intercâmbio, ou seja, um acadêmico que tenha ficado no exterior pelo prazo aproximado de 6 meses. Totalizando 176 acadêmicos, para os quais foi enviado o questionário.

O período de análise se deve ao início dos intercâmbios na referida Instituição de Ensino em parceria com o Banco, e, por conseguinte, engloba os intercâmbios feitos pelos

acadêmicos que foram enviados com o apoio do Rotary também; além de contemplar um período de grande movimentação de alunos pelo Programa Ciência sem Fronteiras.

O roteiro de questões foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da referida Instituição de Ensino e o trabalho, ainda, foi inserido na Plataforma Brasil, para validação do questionário, que foi aprovado por aquele órgão, ficando validado para aplicação aos acadêmicos. Sendo assim, após aprovado, foi enviado aos participantes por e-mail.

Importante registrar que no dia 20 de outubro foram enviados os primeiros questionários para os alunos do programa CsF e como não obtivesse um percentual interessante de respostas, o questionário foi reenviado no dia 3 de novembro. Já, para os participantes da bolsa Ibero-Americana do Banco Financiador, o questionário foi enviado em 05 de novembro de 2019, no total de endereços de e-mail.

Porém percebeu-se que os alunos não estavam respondendo ao questionário e o número de participantes não aumentava. Foram pensadas alternativas para incentivar a resposta dos alunos. Buscou-se alternativas de ação. Então, nesse período, ainda em novembro, foi enviado SMS para 10 alunos como tentativa de resposta, mas sem resultado. Então, foram feitas ligações para todos os alunos da lista. Alguns telefones não estavam mais ativos, por serem antigos os cadastros, outros nem existiam mais, outros não atendiam, em outros quem atendia não era a pessoa do cadastro e, por fim, alguns atendiam e respondiam que iam responder o questionário, mas nem sempre foi o que aconteceu.

Foi tomada outra ação, que aconteceu de forma conjunta com as ligações telefônicas, para ter mais respostas ao questionário, que foi fazer contato com o Rotary, parceiro da Instituição de Ensino de referência, que ajudou enviando 12 endereços de e-mail de alunos que se enquadravam no perfil desejado de alunos de graduação. Assim, o questionário foi enviado aos e-mails do Rotary nos dias 14, 15 e 19 de janeiro, sendo no total 12 alunos, dos quais 6 responderam.

No dia 14 de janeiro de 2020, também foi enviado o questionário para 16 alunos do Santander, cujos endereços foram enviados pela Secretaria da Instituição, que já estão inclusos nos 104 alunos do Ibero-Americano.

Após o envio desses 28 novos endereços de e-mail e novas tentativas de ligações telefônicas, mais questionários foram respondidos. No dia 02 de fevereiro foi enviado o questionário novamente a todos os alunos, que foi quando, no início de fevereiro, obteve-se a marca de 52 alunos, 30% do total de participantes dos intercâmbios e a quantidade tornou-se relevante para a análise de dados.

Os dados foram tabulados em planilha Excel e analisados como pesquisa quantitativa, uma vez que foram feitas perguntas objetivas aos pesquisados. Sendo que conforme Sampiere, Collado e Lucio (2013) nesse tipo de pesquisa não existe a possibilidade de pular etapas, uma vez que uma é base para a próxima etapa.

Dessa forma, embora esse tipo de análise leve a pesquisas mais gerais, as respostas também serão analisadas na discussão dos dados, para trazer uma descrição da atual realidade sobre a existência ou não do compartilhamento do conhecimento no retorno dos alunos que realizaram intercâmbio internacional, o que poderá se tornar referencial para uma mudança de paradigmas. Pois, embora a análise quantitativa leve a uma neutralidade do pesquisador, a inclusão da análise qualitativa poderá abrir espaço para um posicionamento referente à situação que se apresentará no resultado do questionário (SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2013).

Importante destacar, que nas respostas que se relacionavam diretamente aos objetivos específicos da pesquisa foi aplicada a Média Ponderada, que é a multiplicação do grau pelo número de alunos a ele referidos, sendo a multiplicação feita da seguinte forma: grau “Muitíssimo” = multiplicar por 5; grau “Bastante” = multiplicar por 4; grau “Mais ou menos” = multiplicar por 3; grau “Pouco” = multiplicar por 2; e grau “Muito pouco” = multiplicar por 1. Ao final soma-se o resultado dessas multiplicações e divide-se pela quantidade de alunos, e o resultado é a Média Ponderada do item analisado.

Assim, a partir dos objetivos estipulou-se uma hipótese que somente se confirmará ou não verdadeira, com os resultados transformados em dados, para posterior desenho do levantamento, pela composição da amostra, que irão mapear a situação atual do aproveitamento do intercâmbio na instituição de ensino superior em questão.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O levantamento de dados feito por meio do questionário de pesquisa sobre o compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior é apresentado nos tópicos a seguir para responder à pergunta de pesquisa da existência ou não do compartilhamento e as formas de sua implementação, assim como na questão dos objetivos específicos quanto ao conhecimento relacionado ao país e a área de estudo do aluno.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Os alunos que responderam ao questionário foram 52, num total de envio de 176 questionários, o que representa 29,54%, e que foi arredondado para 30% do total de alunos. Destes, 32 são do sexo feminino e 20 do sexo masculino, com média de idade de 26 anos, apresentando a menor idade de 20 anos até a maior que é de 51 anos. Todos estudantes de graduação, sendo que 88,5% já concluíram seu curso e 11,5% ainda estão cursando a graduação.

As áreas de atuação são diversas e foram segmentadas em Exatas, na numeração representada pelo número “1”; Humanas, representada numericamente pelo “2”; e Saúde, representada pelo número “3”. Dos 52 estudantes que fizeram intercâmbio, 12 são dos cursos de Humanas, que representam 24% do total, 14 da Saúde, que representam 26%; e 26 das exatas, o que representa um percentual de 50% do total, ou seja, o total da área de Exatas é o dobro da soma do total dos cursos de Humanas e da Saúde.

Tiveram um período de realização do seu intercâmbio entre os anos de 2011 a 2020, sendo que na Tabela 1 é apresentada a distribuição dos intercâmbios por ano:

Tabela 1: Ano de realização do intercâmbio

Ano do intercâmbio	Qtde. de Intercâmbio	Mais de 1 intercâmbio
2011	1	
2012	3	
2013	1	
2014	10	1
2015	11	1
2016	6	2
2017	8	
2018	7	

2019	6
2020	1
Total	54

Fonte: Dados da pesquisa

Os alunos fizeram intercâmbio em 13 países. A Tabela 2 mostra os países de destino para os quais os alunos se deslocaram.

Tabela 2: País de destino

Ordem	Países	Qtde.intercâmbios	Alunos que fizeram 2x
1	Alemanha	1	
2	Austrália	2	
3	Canadá	1	
4	Chile	2	
5	EUA	17	X
6	França	1	X
8	Hungria	1	
10	México	5	X
11	Noruega	1	
12	Rússia	1	X
13	Portugal	22	
Total	13	54	4

Fonte: Dados da pesquisa

Com referência às instituições de ensino visitadas, os dados mostraram que foram 29 no total, como pode ser observado na Tabela 3, que cita o nome da instituição e o país de localização dela.

Tabela 3: Nome das Instituições de Ensino

Número	Nome da IES	Qtde.
1	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) - Portugal	2
2	Andres bello - Chile	1
3	Ball State University - EUA	1
4	BME - Hungria	1
5	College of Coastal Georgia - EUA	1
6	ESAD - Ensino Superior de Arte e Design - Portugal	1
7	FDUP- Faculdade de Direito da Universidade do Porto - Portugal	2
8	Georgia State University - EUA	1
9	IPG - Instituto Politécnico da Guarda - Portugal	2

10	ITESM CEM -México	1
11	Kennesaw State University - EUA	1
12	Missouri State University - EUA	3
13	Monash University - Austrália	2
14	NTNU - Noruega	1
15	Oglethorpe University - EUA	1
16	Radboud - Holanda	1
17	Rensselaer Polytechnic Institute - EUA	1
18	SCAD - Savannah College of Art and Design - EUA	1
19	Southern Illinois University - EUA	1
20	Technische Universität Dortmund - Alemanha	1
21	Tecnológico de Monterrey - México	1
22	Universidad Autónoma Del Estado del Hidalgo – UAEH - México	2
23	Universidad Mayor - Chile	1
24	Universidade do Porto - Portugal	15
25	University of Alabama at Birmingham - EUA	1
26	University of North Georgia - EUA	2
27	Valdosta State University - EUA	1
28	Wayne State University - EUA	1
29	University of Utah - EUA	1
Total	1 não se lembra (curso de idiomas)	51

Fonte: Dados da pesquisa

Em se tratando do período de permanência, ou seja, a duração do intercâmbio, os dados da Tabela 4 mostram que a maioria ficou entre 3 meses e um ano, (lembrando que dois alunos fizeram dois intercâmbios)

Tabela 4: Duração do intercâmbio

Duração do intercâmbio	Alunos
Menos de 3	3
3 a 6 meses	28
6 meses a 1 ano	12
1 a 2 anos	9
Mais que 2 anos	0
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa

E de acordo com a duração do intercâmbio, a Tabela 5 apresenta o ano de retorno dos intercambistas.

Tabela 5: Ano de retorno do intercâmbio

Ano de retorno	Quantidade de alunos
2011	0
2012	2
2013	2
2014	6
2015	9
2016	7
2017	6
2018	9
2019	7
2020	4
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 6 apresenta a relação do nome dos cursos que os alunos faziam no período do intercâmbio, assim resume a quantidade de alunos de cada curso que participou do intercâmbio acadêmico.

Tabela 6: Curso realizado no período do intercâmbio

Número	Nome do curso	Quantidade de alunos
1	Agronomia	1
2	Arquitetura e Urbanismo	11
3	Automação	1
4	Biomedicina	1
5	Bioquímica	1
6	Ciências Sociais	1
7	Design de Interiores	1
8	Direito	5
9	Enfermagem	1
10	Engenharia Ambiental e Sanitária	3
11	Engenharia Civil	2
12	Engenharia de Software	1
13	Engenharia Mecânica	1
14	Engenharia Química	1
15	Física	1
16	Jornalismo	1
17	Letras	1

18	Licenciatura em Geografia	1
19	Medicina	3
20	Medicina Veterinária	1
21	Moda	1
22	Negócios Imobiliários	1
23	Nutrição	1
24	Pedagogia	2
25	Psicologia	5
26	Química (Bacharelado)	1
27	Tecnologia em Estética e Cosmética	1
28	Turismo e Meio Ambiente	1
Total		52

Fonte: Dados da pesquisa

Dessa forma, depois da apresentação da Tabela 1 a 6, pode-se ter uma visão abrangente do perfil do aluno, pois foram apresentados dados quanto ao curso que faziam no período de intercâmbio, em qual instituição estudaram no exterior, em qual país, quanto tempo permaneceram lá, entre outros.

4.2 TIPOS DE CONHECIMENTO

De acordo com Vemuri (2014), existem 8 Tipos de Conhecimento que podem ser assimilados em um país estrangeiro, que se tornam um “capital”, dependendo das variáveis do país de envio ou de destino; conforme apresentado no capítulo 3.1 (pág. 36). Essa classificação apontada por Vemuri (2014), enquadra todos os conhecimentos encontrados na assimilação feita pelos alunos que fizeram intercâmbio, conforme apresentado na Tabela 9.

Sendo a classificação desse autor a base para a formulação das perguntas para a elaboração do questionário. As respostas das questões quanto à aprendizagem de conhecimentos múltiplos, sobre: cultura, religiões diversas, economia global, melhor administração de recursos, política, recursos naturais, meio ambiente, artes e quanto a leis e regras, caracterizam alguns dos tipos de conhecimentos adquiridos no exterior, que subdivididos em 15 tipos, enquadram-se nos 8 tipos apresentados por Vemure (2014).

Quadro 6: Tipos de conhecimento e conhecimentos adquiridos no exterior

Tipos de conhecimento	Conhecimentos adquiridos no exterior	
a - Histórico	história local	geografia local

b - Humano	religiões	relacionamento		
c - Financeiro	administração de recursos			
d - Cultural	cultural	Hábitos/costumes	idioma	artes
e - Político	política	(leis e regras)		
f - Econômico	economia global			
g - Social	instituição	área de atuação		
h - Natural	recursos naturais	meio ambiente		

Fonte: Dados da pesquisa

Partindo desse entendimento, são apresentados os resultados dos tipos de conhecimento adquiridos pelos alunos intercambistas no exterior.

Nos próximos tópicos, pode-se ver os dados sobre as formas de compartilhamento e a relação do conhecimento quanto ao país e à área de estudo do aluno.

4.3 FORMAS DE COMPARTILHAMENTO

Neste tópico, será abordada a questão do levantamento da informação quanto ao intercâmbio internacional, após os alunos viverem a imersão em uma aprendizagem de vários tipos de conhecimento no exterior, se houve o compartilhamento dessas informações adquiridas e como aconteceu, ou seja, que tipos de ações existiram para que o conhecimento fosse transmitido a outros.

A pergunta feita no questionário foi: “Quando retornou do exterior, como compartilhou o conhecimento e as experiências adquiridas com os demais estudantes?”. Sendo assim, é importante apresentar o resumo do compartilhamento por tipo de ação.

Tabela 07: Formas de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior:

Compartilhamento do Conhecimento adquirido no exterior		% Percentual de compartilhamento
Auxiliou amigos	39	32,23
Relatórios	21	17,36
Fez interação	18	14,88
Palestras	11	9,09
Comunidade virtual	10	8,26
Não Compartilhou	6	4,96
Criou vídeo da experiência	6	4,96

Apresentação de trabalhos	3	2,48
Criou vídeo das atividades	3	2,48
Publicou trabalhos	2	1,65
Criou manual	2	1,65

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta Tabela 7, pode-se perceber que o percentual maior de compartilhamento foi o referente ao “auxílio de amigos”, com um percentual de 32,23% do total de respostas, que se somado ao percentual de “fez interação”, chega a 40% do total. Sendo assim, percebe-se que é na interação que ocorre o compartilhamento do conhecimento, seja no “auxílio” ou “na interação”, propriamente dita. O item de relatórios e palestras, que somam 25% também, teve um percentual significativo, e pode ter correlação ao fato do intercâmbio ser acadêmico. O item Comunidade Virtual é uma ação interativa da atualidade e seu percentual de 8,26% pode ser somado aos 40% de Auxílio aos amigos e Interação, totalizando 48,26% no mesmo perfil de ação informal. Os outros tópicos somam aproximadamente 15% de atividades diversas e, ainda 5% de Não Compartilhou, o que é um percentual a ser considerado.

Importante destacar, que ficou livre a escolha da quantidade de itens a serem assinalados nas respostas. Então, existiram alunos que assinalaram apenas um item de compartilhamento, outros que assinalaram mais de um, até alunos que assinalaram 5 itens, dos 11 disponibilizados na pergunta. Os que assinalaram que não fizeram interação foram 11%.

Tabela 08: Oportunidades de compartilhamento

Grau	Houve Interesse no retorno	A instituição proporcionou oportunidades	Seus colegas oportunizaram oportunidades	Compartilhou todas as informações
Muitíssimo	21	2	8	1
Bastante	15	12	15	12
Mais ou menos	9	14	12	19
Pouco	4	6	8	10
Muito pouco	1	16	9	8
Total	52	52	52	52

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se inferir na Tabela 8, sobre oportunidades de compartilhamento, que houve muito interesse quanto ao intercâmbio realizado pelos alunos, pois 71% responderam que houve “muitíssimo” e “bastante” interesse para que compartilhassem a experiência vivida. Quanto à oferta de possibilidades vindas da instituição de ensino onde estudavam, esse percentual

diminui, perfazendo 26%, e quanto a oportunidades de compartilhar com amigos, 40%. Sobre essa questão do compartilhamento de todas as informações, percebe-se que aparece apenas 13% em “muitíssimo” e “bastante” e 71% em “mais ou menos”, “pouco” e “muito pouco”.

É importante apresentar, então, a Média Ponderada em relação às possibilidades de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior pelos alunos intercambistas. Assim, será possível visualizar um resumo dos valores, considerando o peso de cada resposta, conforme Tabela 10.

Tabela 09: Compartilhamento do conhecimento adquirido.

Compartilhamento do conhecimento adquirido	Grau de interesse no retorno	Oportunidades pela Instituição	Oportunidades pelos amigos
Média ponderada	3,8	2,46	3,0

Fonte: Dados da pesquisa

Nesta tabela, percebe-se que houve interesse, a princípio, pela experiência que o aluno participante de intercâmbio trouxe. No entanto, a efetiva oportunidade de compartilhamento, do conhecimento assimilado no exterior, não atingiu a expectativa, pois na relação entre amigos, não aparece o mesmo percentual na relação interesse/prática da transmissão do conhecimento. Assim como com relação à Instituição de ensino que proporcionou o intercâmbio, que apresenta um percentual menor em relação à disponibilização de oportunidades de compartilhamento na IES.

Tabela 10: Disposição para compartilhar o conhecimento adquirido no exterior.

Estaria disposto a compartilhar	Alunos
Sim	37
Não	2
Talvez	13
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 10 deste tópico, nota-se que 96% dos alunos estão dispostos ou podem refletir sobre a possibilidade de compartilhar conhecimentos e experiências vividas no intercâmbio acadêmico internacional. Apenas, 4% não têm interesse no compartilhamento, de forma definitiva.

4.4 TIPOS DE CONHECIMENTO E PAÍS

Neste tópico serão apresentadas as respostas da aprendizagem de conhecimentos relativos ao país de destino em que o aluno realizou o intercâmbio.

Tabela 11: Grau de aprendizagem sobre assuntos relacionados ao país de destino.

Grau de aprendizagem	Hábitos e Costumes	Idioma local	História local	Geografia local	Se relacionar com pessoas de outros países	Sobre IES em outro país
Muitíssimo	23	21	11	9	32	24
Bastante	22	20	21	27	16	19
Mais ou menos	6	9	15	12	3	5
Pouco	1	2	4	2	0	4
Muito pouco	0	0	1	2	1	0
Total	52	52	52	52	52	52

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela 11, o que predomina nos graus “muitíssimo” e “bastante” em primeiro lugar é o percentual de 96% do item “se relacionar com pessoas de outros países”, seguido por 90% quanto à aprendizagem de “costumes do país destino”. Depois, 86% quanto à aprendizagem “sobre IES em outro país”, 82% do idioma local, 72% da aprendizagem da “geografia local” e 64 %, aprendizagem sobre a história local. Importante destacar, que nas opções “pouco” e “muito pouco” o percentual fica menor que 10%, caindo até 2% ou nada.

Para facilitar a compreensão, destaca-se o valor da Média Ponderada do total da respostas dos alunos, que resume todas os resultados dos graus “muitíssimo”, “bastante”, “mais ou menos”, “pouco”, “muito pouco”, e considera o peso de cada pergunta, para apresentar um valor único, conforme pode-se ver na Tabela 12.

Tabela 12: Tipos de conhecimento do país de destino.

Tipos de Conhecimento do país destino	Cultura	Hábitos e costumes	Religião	Economia	Administração dos seus recursos	Política	Recursos naturais	Meio ambiente	Artes	Leis e regras
Média ponderada	4,25	4,17	2,86	3,46	4,5	3,21	4,21	3,0	3,96	3,94

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 12, é possível ver que a maior aprendizagem quanto aos conhecimentos adquiridos no país de destino é referente à administração dos seus próprios recursos, com a média de 4,5. A segunda maior aprendizagem foi sobre a cultura, quase que com a mesma média de aprendizagem que foi 4,25, depois sobre recursos naturais com 4,21 e hábitos e costumes 4,17, que traduz um contato com a diversidade e especificidade do país destino. Média que foi seguida pelos conhecimentos de artes e leis e regras, que pode ser pelo tempo de permanência no exterior, e, na sequência, economia, política, meio ambiente e religião, alguns itens que são passíveis de divergências de particularidades, como no caso da política e religião, que pode ter tido uma aprendizagem menor por esse motivo.

Na Tabela 13, são apresentados os 15 conhecimentos que foram adquiridos no exterior juntos e destaca, somando as respostas de Muitíssimo e Bastante, os conhecimentos mais assimilados pelos alunos que fizeram intercâmbio. Os que aparecem em primeiro lugar são “administrar seus próprios recursos” e conhecimento sobre o “funcionamento de uma IES no exterior”, em segundo lugar, também empatados, conhecimentos sobre “leis e regras” e “artes”, e em terceiro lugar conhecimentos sobre “se relacionar com pessoas de outros países”.

Tabela 13: Conhecimentos mais assimilados no exterior.

	Cultura	Hábitos	Idioma	História	Geografia	Religião	Pessoas	Economia	Adm. Rec.	Política	Rec. Nat.	Meio Amb.	Artes	IES	Leis/Reg.
Muitíssimo e Bastante	31	32	31	26	29	15	35	23	42	22	25	19	37	42	37
Portugal	12	14	15	15	14	6	20	9	20	8	13	8	17	17	14
EUA	12	12	15	11	11	8	15	8	12	6	5	5	10	15	12
	24	26	30	26	25	14	35	17	32	14	18	13	27	22	28

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se acrescentar à análise a Tabela 14, que irá indicar os motivos que levaram os alunos a escolherem o país de destino para realização do seu intercâmbio.

Tabela 14: Motivo da escolha do país de destino

Escolha do País	Motivo
1 - área de ensino	4
2 - Idioma do país	19
3 - Pela Instituição de ensino	9
4 – Outros	20
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa

Vê-se que 38% dos alunos explicam o porquê da escolha do país de destino e as particularidades dessa opção em relação a cada aluno está apresentada na tabela 15. Em segundo lugar, aparece o percentual de 36 %, relativo ao idioma do país, em terceiro 17% a escolha é pela instituição de ensino e apenas 8% pela área de ensino. Sendo a opção “outros” relacionada a seguir:

Tabela 15: Opção “outros” – na escolha do país

Com referência à questão da opção “outros” na escolha do país são diversas as respostas:	
1	- “Aceitar Medicina no Ciência sem Fronteiras”.
2	- “Pela cidade.” (da Hungria)
3	- “São vários os fatores na verdade, a uni, o custo de vida as possibilidades, gostaria de ter feito em um país de língua inglesa ou espanhola, só que o custo da tuition era mt caro ou a uni não era tão boa.”
4	- “Sempre tive o sonho de conhecer Portugal, então não pensei duas vezes em escolhê-lo no momento da inscrição.”
5	- “Pela área de ensino, pelo idioma do país pela instituição de ensino, por possibilitar diversas viagens, custo de vida e pela ter sido eleita o melhor destino diversos anos seguidos.” (Porto)
6	- “As três alternativas, além da localização - única opção na Europa.”
7	- “Interesses relacionados com política, cultura e literatura latino-americana.” (México)
8	- “Fui escolhida (México). Não tive opção.”
9	- “Eu queria ir para a Espanha mas me disseram que a instituição em que eu estudava não tinha acordo com eles, aí foi a opção que eu tive, pois queria ir à Europa para poder viajar.”
10	- “Único país oferecido pelo Programa.” (EUA)

11	- “Era uma das instituições na Europa, já havia convênio.”
12	- “Foi a única opção disponível durante a inscrição do intercâmbio.”
13	- “Por causa do patrocinador da bolsa: Rotary.”
14	- “Bolsa de estudo completa.”
15	- “Instituição na Europa o que possibilitaria conhecer outros países.”
16	- “Custo moradia do país, única universidade com parceria instituição financeira e universidade.”
17	- “Por ser uma boa universidade localizada na Europa.”
18	- “O intercâmbio era para o país citado.” (México)
19	- “Porque eu queria conhecê-lo.” (Austrália)
20	- “Pelo valor da bolsa ofertada. Lá seria o país onde teria menos gastos.” (Chile).

Fonte: Dados da pesquisa

4.5 TIPOS DE CONHECIMENTO E ÁREA DE ESTUDO

Neste tópico sobre o que aprendeu sobre conhecimentos técnicos da sua área, foi considerada a área de conhecimento de cada curso, com base nos cursos que realizavam no período em que tiveram a experiência acadêmica internacional. Sendo a divisão feita em três grandes áreas do conhecimento: Exatas, Humanas e da Saúde. Na Tabela 16 pode-se ver a quantidade de alunos por área de ensino.

Tabela 16: Área do conhecimento dos alunos em intercâmbio

Área do conhecimento	Quantidade de alunos
Exatas	26
Humanas	12
Saúde	14
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa

O percentual de alunos de cada área é: Exatas 50%, Humanas 23% e da Saúde 26%. Importante destacar que a quantidade de alunos intercambistas de exatas representa exatamente o dobro da soma da quantidade de alunos participantes das áreas de Humanas e da Saúde. Sendo assim, a metade do total de acadêmicos que viveram uma experiência no exterior foi de alunos da área dos cursos de exatas.

Na Tabela 18 será apresentado o grau de aprendizagem dos alunos em relação à sua área de estudo.

Tabela 17: Aprendizagem de conhecimentos na sua área de estudo (soma dos alunos de todas as áreas juntos)

Aprendizagem sobre conhecimentos da sua área de estudo	Alunos
Muitíssimo	12
Bastante	20
Mais ou menos	13
Pouco	1
Muito pouco	1
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 17, o percentual destacado está em “bastante”, com 40% do total, e “muitíssimo” com 25%. Somando esses dois graus temos 65% das respostas, o que caracteriza uma aprendizagem muito boa. No item seguinte, tem-se 26% com referência ao grau “mais ou menos”, sendo os percentuais dos itens “pouco” e “muito pouco” de 2%; um percentual pequeno.

A Tabela 18 apresenta o grau de aprendizagem específico por cada área de estudo.

Tabela 18: Grau de aprendizagem por área de estudo.

Grau de Aprendizagem	Exatas	Humanas	Saúde	Quantidade de alunos
Muitíssimo	11	2	4	17
Bastante	10	6	4	20
Mais ou menos	4	4	5	13
Pouco	0	0	1	1
Muito pouco	1	0	0	1
Total	26	12	14	52

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 18, é possível notar um maior aproveitamento no item “muitíssimo” e “bastante”, que é onde está a concentração de maior quantidade de registro da aprendizagem dos cursos por área, ou seja 70% das respostas. Sendo destes, 40% foram assinaladas pela Exatas, 15% pela Humanas e 15% pela Saúde. Se forem somados os percentuais das duas últimas áreas (Humanas e da Saúde), ainda assim fica uma diferença de 10% menor do que da

Exatas. Nos três últimos itens, “maios ou menos”, “pouco” e “muito pouco”, o percentual é de 2%, não sendo significativo.

Tabela 19: Média ponderada da área de estudo.

Área de Estudo	Exatas	Humanas	Saúde
Média Ponderada	2,07	0,88	0,82

Fonte: Dados da pesquisa

Para maior visibilidade no grau de aprendizagem dos alunos do intercâmbio por área, na Tabela 19 temos a média ponderada por área, destacando-se a área de Exatas. Mesmo se considerarmos que a quantidade de alunos dessa área é o dobro da soma das outras duas (Humanas e da Saúde), ainda assim, o percentual seria maior, ficando nessa suposição uma média de 2,07.

Interessante ressaltar na Tabela 20, que a maioria dos alunos da área de Exatas realizaram o intercâmbio nos Estados Unidos, já a maioria dos alunos da área de Humanas e da Saúde realizaram o intercâmbio em Portugal.

Tabela 20: País onde realizaram o intercâmbio.

	País	Exatas	Humanas	Saúde
1	Austrália			2
2	Alemanha	1		
3	Chile		3	1
4	EUA	15	1	1
5	Holanda			1
6	Canadá	1		
7	México	3	1	1
8	Portugal	5	9	8
9	Noruega	1		
10	Hungria	1		
11	França		1	
12	Rússia	1		

Fonte: Dados da pesquisa

4.6 SUGESTÕES

Tabela 20: Gostaria de acrescentar algo mais?

	Gostaria de acrescentar algo mais?
1	- “Recomendo a qualquer um buscar oportunidades de intercâmbio, mesmo que não seja exatamente na área de atuação do curso aqui, pois foi a melhor experiência da minha vida.
2	- A cultura é a maior barreira para um ensino superior de excelência em nosso país.
3	- Gostaria de ter acesso ao resultado final dessa pesquisa
4	-O conhecimento/experiências são compartilhadas de diversas formas e diversas intensidades diferentes. No momento de retorno diversas cerimônias familiares e de círculos de amizade ocorreram, mas grandes acontecimentos devido a facilidade de compartilhar isso pela internet já haviam sido compartilhados ainda quando eu estava lá.
5	- Experiência maravilhosa e proveitosa culturalmente, terei prazer em falar sempre que solicitada.
6	- Foi sem dúvida a melhor experiência da minha vida. Abriu meu pensamento e horizonte de uma maneira jamais imaginada antes. Recomendo a todos que tiverem a oportunidade que façam um intercâmbio. Não me arrependo nem por 1 segundo e morro de saudades dessa época!!
7	- Talvez eu tivesse aprendido e compartilhado mais se estivesse mais no começo do curso. Além disso, a forma como fazemos jornalismo no Brasil me parece mais à frente do que Portugal faz hoje.
8	- Experiência incrível, muito aprendizado e vivências no cotidiano de famílias americanas, com pessoas de diversas partes do mundo.
9	- A experiência do intercambio foi enriquecedora para mim, não só academicamente e profissionalmente falando, mas pessoalmente. Durante o tempo que estive em Portugal, descobri novos gostos e interesses, foi um momento de descoberta. Inclusive, foi por conta da paixão por um museu que visitei em Lisboa - Portugal durante esse período que iniciei recentemente uma segunda graduação na área de Artes Visuais, e espero em breve voltar a Europa, mas dessa vez não para estudar Design, mas sim História da Arte. Sou extremamente grato a todos que contribuíram para que esse sonho pudesse se tornar realidade.
10	- o intercâmbio foi pra mim uma experiência valiosa. Sinto-me familiar com aquele país como se fosse minha terra natal.
11	- Por mais que tenha ficado em Portugal, tive de aprender a falar em inglês, pois fiquei em uma casa de intercambistas de vários países da Europa, os livros biblioteca da faculdade eram em inglês e algumas aulas também. Portanto, ao mínimo o inglês básico ou o interesse em aprende-lo, pra onde quer que seja o destino, creio que seja necessário.
12	- A oportunidade foi imensa, percebo quanto é vasto outras culturas, Portugal trouxe uma bagagem que terei muitas histórias para compartilhar, de modo benéfico a outras pessoas. Cresci tanto no lado pessoal como profissional. Desprendi da minha zona de conforto para perceber meus limites e capacitações. Há muito trabalho a fazer, para produzir muito no futuro, aprendemos a entender nosso tempo.
13	- A dificuldade em compartilhar o conhecimento obtido se dá pelo fato das pessoas perguntarem sobre o intercâmbio e já disserem "nossa muita sorte" "ai pelo menos tava lá na europa" "ali o ta se achando" ao invés de pararem e ouvirem, ao fazerem a pergunta é como se eles não quisessem saber da sua experiência porque acreditam ter sido maravilhosa e você falar dela é só para mostrar que é melhor que eles.
14	- Recomendo todos a participarem de um intercâmbio. Nem que seja na Argentina. O intercâmbio mudou minha vida.
15	- O ano da graduação depende das decisões tomadas na home university no momento.
16	- Apenas sentimentos pessoais: na volta da minha viagem (como descrevi acima, eu também fiz matérias diferenciais do resto do meu grupo de intercambio) eu achava que seria reconhecida, que as pessoas gostariam de saber sobre uma cultura nova, mas sinceramente elas não querem, elas

	continuam com a opinião própria. Difícil foram as que me ouviram com sinceridade e não com críticas prontas. Hoje eu aprendi a não ficar falando muito sobre para não ser contrariada por opiniões baseadas em “facebook e instagram”. Também não me senti valorizada pelo cenário nacional de emprego: eu cheguei, me candidatei em diversas empresas e não fui chamada. Aliás, nem passei para o segundo estágio de entrevista. Depois, consegui ser contratada na minha empresa atual pois uma pessoa que trabalhava lá (hoje ela saiu) me indicou: e foi assim que eu entendi. 80% das vezes, não importa se você tem um currículo diferencial, estudou fora, tem um inglês fluente. Importa se alguém te indica, se alguém te conhece na empresa. E isso me decepcionou muito.
17	- Ainda estou no meio do meio intercâmbio
18	- Foi uma experiência muito enriquecedora, recomendo a todo universitário.
19	- O intercâmbio foi incrível, uma das melhores experiências da minha vida. Todos os universitários deveriam ter essa oportunidade! A IES me ajudou em todo o período e foi muito bom ter todo esse apoio antes e durante o intercâmbio.
20	- Retornei do intercâmbio no último em dezembro de 2015 e em fevereiro de 2016 coleei grau e saí da Unicesumar, por esse motivo não foi possível compartilhar na UniCesumar o conhecimento adquirido no intercâmbio. Porém, logo após minha graduação iniciei meu mestrado na UEL, onde utilizei o conhecimento de intercâmbio para evoluir a minha linha de pesquisa e publicar artigos.
21	- Todos os alunos deveriam ter a oportunidade de realizar um intercâmbio. A experiência que tive morando no Porto/PT mudou a minha vida de forma significativa.
22	- Foi uma experiência muito intensa, bem produtiva para minha vida pessoal.
23	- Foi uma experiência ímpar que vou levar para toda a vida.
24	- Foi a melhor experiência acadêmica que pude ter. Vejo na educação internacional uma realidade que as IES devem se aprofundar. Caso a IES queira que eu compartilhe sobre a experiência me coloco a disposição.
25	- Foi uma experiência muito boa que recomendo a todos, a questão financeira influencia bastante também na hora de decidir fazer ou não e pra onde ir no intercâmbio

A Tabela 21, apresenta as particularidades de cada aluno quanto ao intercâmbio acadêmico, deixando transparecer o benefício, tanto acadêmico quanto pessoal, que o intercâmbio pode trazer ao aluno participante e demonstra que a experiência cultural é muito importante para o acadêmico. Muitos alunos, também, expressaram grande contentamento e privilégio por participarem do intercâmbio.

4.7 DISCUSSÃO

A discussão está baseada nas informações levantadas e nas respostas dos questionários, quanto aos objetivos desta pesquisa, que são: (i) a existência ou não do compartilhamento adquirido pelos alunos no exterior, e de que maneira essa ação ocorre; e (ii) a correlação da aquisição do conhecimento com referência ao país de destino e à área de estudo.

Na concepção de Vemuri (2014), foi elaborada uma catalogação dos tipos de conhecimentos que o aluno pode adquirir no exterior, dentre os quais destacou 8 deles, que dependendo das muitas variáveis que cada um vive no país de destino do seu intercâmbio,

acaba se tornando um capital pessoal (Quadro 7). Sendo que essa teoria norteou as perguntas feitas no questionário, sobre as quais apresentaremos a discussão dos dados, pois de acordo com Davila et al (2015, p. 59), “os ciclos de conhecimento permitem perceber as etapas que permeiam à sua criação, compartilhamento, aquisição até atingir a geração de valor como fator central desta análise.”

Seja qual for o país de opção, os conhecimentos obtidos abrangem a classificação de conhecimentos de Vemuri (2014): Histórico, Humano, Financeiro, Cultural, Político, Econômico, Social e Natural e irão apresentar uma variação de acordo com as especificidades de cada local.

Dessa forma, sobre o conhecimento adquirido no exterior (Tabela 13), percebe-se o destaque para um grau maior de aprendizagem “muitíssimo” e “bastante” com referência à “administração dos seus próprios recursos” e, também, “sobre o funcionamento de uma IES em outro país” com 80%, e, em segundo lugar, aprendizagem “sobre leis e regras no exterior” e “sobre artes” com 71%. Estes tipos de conhecimento podem ter relação com a própria vivência no país de destino, pois tiveram que fazer o seu planejamento financeiro, além de lidarem com os procedimentos acadêmicos para estudarem no exterior e serem aprovados nos processos de estudo, assim como o percentual de leis e regras a aprendizagem é alta, podendo ter referência com a permanência por um tempo razoável no país destino, pois 94% dos alunos ficaram mais do que três meses no exterior, e esse período é significativo para aprendizagem das diretrizes para convivência no país de escolha. Ainda, o mesmo percentual sobre artes, que demonstra uma extrapolação do estudo, para assimilação da arte, que transmite a cultura de um povo. Nesse sentido, Freitas (2010) considera que o posicionamento de estar aberto à experiência internacional facilita e enriquece o processo.

Outro ponto a ser destacado é que muitos alunos responderam “outros”, com respostas variadas, inclusive constando que vários alunos tinham interesse em um país da Europa para poder viajar, ou para conhecer o país de destino “como um sonho”, “pela cidade” onde fez o intercâmbio, “pelas possibilidades”, ou, ainda, por ter interesse em uma cultura e política de um país específico. O resultado das respostas aponta para um desejo de ter uma experiência cultural, além do interesse pela área de ensino, que registrou 8% das respostas, ou pela instituição de ensino, com um percentual de 19%, pois mesmo somando estes dois percentuais (27%), é um número menor do que com referência à cultura e artes. Para Dalmolin et al (2013) uma das metas dos programas de intercâmbio é ter alunos de todos os níveis inseridos em instituições de ensino de excelência no exterior, pois agregam conhecimentos acadêmicos e pessoais aos alunos. O autor ainda afirma que viver a experiência internacional permite o

conhecimento dos costumes específicos do país de destino e ajuda na resolução de problemas para seu próprio desenvolvimento.

Quanto aos outros itens da mesma tabela, sobre política, recursos naturais, meio ambiente, economia e religião, o percentual variou entre 39% e 48%, ficando numa média que expressa um aprendizado satisfatório dessas questões. Essas aprendizagens remetem ao que Guimarães e Oliveira (2016) afirmam quanto ao intercâmbio internacional ser um recurso utilizado pelas IES para que seu aluno se torne um cidadão do mundo.

Na Tabela 8, se o conhecimento adquirido foi compartilhado, apresenta-se um percentual de 32,23% do total das respostas para “auxílio aos amigos”, que pode ter uma relação com a pergunta de existir interesse no retorno do intercâmbio da mesma Tabela, pois indica que os alunos foram procurados pelos amigos como referenciais devido ao intercâmbio que realizaram, assim como o terceiro percentual mais marcado que foi o de “fazer interação”, com 14,88%, o que remete à mesma questão, pois os alunos que voltam do intercâmbio internacional acabam se tornando referência sobre assuntos relacionados à viagem internacional, lembrando que, de acordo com Davila (2015), a socialização (feita na interação) traduz o compartilhamento do conhecimento tácito, que faz parte do ciclo do conhecimento. Ainda, pode-se destacar que conforme Holste e Filds (2010) a afetividade é fator de aproximação, o que fica evidenciado nesses percentuais de compartilhamento aos amigos.

O segundo item mais assinalado nessa questão é sobre a realização de relatórios, com 17,36%, que no meio acadêmico é um recurso bastante utilizado, e tem relação também com a Tabela 08 sobre possibilidades de compartilhamento, que apresenta um percentual de 26% de incentivo por parte da instituição de ensino; e, nesse sentido, aparece a realização de palestras com 9,09%, infere-se que pode ser pelo mesmo motivo de incentivo acadêmico.

Os outros itens aparecem com um percentual menor, realização de vídeos de experiências, vídeos de atividades, elaboração de manuais, trabalhos e publicação sobre o assunto, que parece ter relação com o percentual de incentivo da instituição de ensino, e essas ações de compartilhamento exigem maior comprometimento de tempo e envolvimento, talvez devido a isso o percentual seja menor. Sobre os 5% que não fizeram interação, também pode ser feita a mesma relação de nenhum ou pouco incentivo.

Ainda na Tabela 08, sobre as possibilidades de compartilhamento, temos, então, como já referenciado, 71% dos alunos que indicaram ter recebido atenção e demonstração de interesse no retorno do seu intercâmbio (“assinalado em “muitíssimo e “bastante”), porém essa demonstração não se traduziu em oportunidades, uma vez que o percentual para o item de oportunidades de compartilhamento possibilitadas pelos amigos é de 40%, e pela

instituição, 25%. Pode ser em decorrência disso que não houve compartilhamento total dos conhecimentos adquiridos para 75% dos alunos, pois apenas 25% afirmaram ter compartilhado tudo. Esse fator se reflete na Tabela 10, quando 96% dos alunos ainda demonstram interesse em compartilhar o conhecimento adquirido assinalando “sim” e “talvez” para compartilharem o conhecimento adquirido, pois não tiveram todas as oportunidades. Essa resposta também pode ter relação com a última pergunta do questionário, se gostariam de acrescentar algo mais, na qual 62% deram suas opiniões pessoais, e em grande parte das respostas assinalando o quanto acharam a experiência do intercâmbio válida.

Com referência ao país de destino, a Tabela 14 remete ao motivo da escolha do país, sendo que 19% escolheram pela instituição, mais 4% pela área de ensino o que pode ser relacionado ao fato do intercâmbio ser acadêmico e primarem pela aprendizagem. Porém, como citado no início desta discussão, 39% assinalaram como motivo “outros”, e entre as respostas aparece as possíveis viagens, outras possibilidades, e a falta de opção devido ao Programa/Instituição que fizeram indicações específicas com referência ao país; ainda, aparece a opção pela língua, o que pode ter relação com a Tabela 2 (lista das instituições de ensino no país destino) pois 29% dos alunos foram para uma universidade em Portugal, o que pode ser atribuído à língua e, também, a ser um país na Europa, pelo desejo das viagens. Por esses dados de escolha do país, pode-se constatar que os alunos têm tanto ou mais interesse na experiência cultural do que na experiência acadêmica que soma apenas 23%. É interessante destacar com relação ao país que a maioria dos alunos de Exatas foram para os EUA e a maioria dos alunos de Humanas e da Saúde foram para Portugal, que pode ter relação com o tipo de instituição a se realizar o intercâmbio em cada país e a área de estudo dos alunos.

Com referência aos conhecimentos da área, os alunos informam ter uma boa aprendizagem na média, pois realizam intercâmbio estudando em instituições que possuem cursos/matérias relativas à sua área de estudo, conforme Tabela 17. E esse fator é relativo ao entendimento de Guimarães e Oliveira (2016), quando afirmam que é esperado que o estudante que realiza intercâmbio internacional adquira conhecimentos suficientes para, no regresso, poder ter sucesso pessoal e na carreira.

Essa relação da área de atuação, na Tabela 17, registra que 62% dos alunos assinalaram “muitíssimo” e “bastante” que é referente à aprendizagem, um resultado considerado bom, que pode ser atribuído ao fato do intercâmbio internacional ser acadêmico e aos alunos terem que tirar notas para aprovação e terem que apresentar bom desempenho ao final do intercâmbio, como parte dos procedimentos dos Programas. Pode-se concluir que o resultado de assimilação do conhecimento com referência à própria área de estudo do aluno é

mais que satisfatória, pois de forma não significativa apresenta 2% para “pouco” e “muito pouco” de aprendizagem (que é quando não há aprovação ou acontece o choque de horário de disciplinas).

Interessante perceber, que a quantidade de alunos da área de Exatas é exatamente o dobro da soma das áreas de Humanas e da Saúde e que quando se considera a aprendizagem por área de estudo são os que têm melhor resultado, mesmo considerando a quantidade de alunos. Esse fator apresenta um destaque para a área de Exatas nestes dois sentidos, que podem ser verificados na Tabela 18, do grau de aprendizagem por área que apresenta um percentual de 80% dos alunos de Exatas com um aproveitamento do estudo em “muitíssimo” e “bastante”, 66% dos de Humanas e 57% dos da Saúde, ou seja, nessa tabela apresenta um melhor aproveitamento de estudos para os alunos da área de Exatas.

5 CONCLUSÃO

No resultado dos dados apresentados, pode-se inferir que nas respostas fechadas e abertas do questionário foram respondidas as hipóteses levantadas quanto ao objetivo desta pesquisa, que podem ser vistas na explanação individual de cada objetivo específico.

Quanto ao primeiro objetivo específico, que faz referência aos tipos de conhecimentos adquiridos no exterior, nota-se que estão embasados na designação feita por Lemuri (2014), Histórico, Humano, Financeiro, Cultural, Político, Econômico, Social e Natural, que podem ser estendidos nas particularidades que abrange cada um deles, mas destacaremos os quinze conhecimentos que foram mensurados de acordo com as respostas dos alunos e que avaliam a aprendizagem quanto à: história local, geografia local, administração dos seus próprios recursos, religiões, hábitos e costumes de outro país, se relacionar com pessoas de outros países, cultura, política, idioma, leis e regras, economia global, recursos naturais, meio ambiente, conteúdos da sua área de atuação e sobre o funcionamento de uma IES no exterior. Foi possível perceber um bom aprendizado de todos esses conhecimentos, conforme Tabela 13 e 17.

Da mesma forma, quanto ao segundo objetivo específico quanto às formas de compartilhamento dos conhecimentos adquiridos no exterior, percebe-se que os alunos compartilham mais de maneira informal para os amigos do que formalmente na IES de interação, pois as duas formas mais usadas para o compartilhamento foram o “auxílio a amigos” e “interação com os amigos”, que somadas apresentam um percentual de 48%, o que corrobora o pensamento de Holste e Filds (2010) sobre a afetividade trazer a proximidade para o compartilhamento. Segue-se 17% de compartilhamento por relatório, que é um processo acadêmico, porém ficou abaixo como ação efetuada, além de ser um processo que pode não ser o mais efetivo para chegar aos outros colegas, pois pode ser que fique apenas no cadastro do intercambista.

Sendo assim, é necessário haver o incentivo para que exista a interação com colegas de classe, não apenas entre um ou outro em particular, mas com toda a classe como um todo, para disseminar o conhecimento tácito do aluno que retornou do exterior. De acordo com (IPE, 213), o compartilhamento está intrinsecamente ligado à motivação e às oportunidades para que ela aconteça. Assim também devem ser incentivadas as possibilidades de proposição de diversidade de ação, interação e compartilhamento, com o objetivo de enriquecer o seu resultado prático no ciclo do conhecimento. Pois, de acordo com Davila (2015) é preciso

existir um processo de gestão estratégica para possibilitar o compartilhamento e disseminação do conhecimento e infere-se que este deva partir da academia.

Quanto ao terceiro objetivo, na relação do conhecimento com o país de destino, observou-se que existe uma predominância, dependendo da área, para um determinado país, como por exemplo a Exatas realizou seu intercâmbio mais nos EUA e as áreas de Humanas e da Saúde mais em Portugal, conforme a Tabela 20. Essa relação da área de ensino em relação à escolha do país pode ser pelo tipo de instituição na qual seria possível estudar em cada país, e referente à oferta de cursos de cada área. Importante destacar que há uma certa restrição dos Programas em relação a escolha do país, por exemplo em um deles somente para países da Ibero-América, mas inclui, dentro das possibilidades, o interesse pessoal do acadêmico mesmo com as limitações existentes. A escolha do país também pode ter relação às respostas da questão aberta -Tabela 15, que aparenta apresentar um interesse do aluno quanto a fazer viagens enquanto realiza seu intercâmbio no exterior, principalmente na Europa, levando-se em conta que existe um interesse cultural por parte do acadêmico.

Com referência ao quarto e último objetivo específico, que é referente à área de ensino e o conhecimento, foi notório que a área de Exatas se destaca na quantidade de alunos enviados que é igual à soma dos alunos enviados de Humanas, mais os da Saúde; além de apresentarem, nas respostas do questionário, um destaque quanto à aprendizagem, pois a área de Exatas registrou uma Média Ponderada maior que da Humanas e da Saúde, mesmo considerando a quantidade de alunos, conforme pode ser visto na Tabela 19.

Em todas as respostas, relativas à experiência vivida pelos alunos no intercâmbio internacional acadêmico, importante ressaltar que o fator de resiliência por parte do aluno intercambista reflete diferença na assimilação da cultura, hábitos, leis e regras do país destino, pois com um posicionamento positivo, conforme designa Scherer e Minello (2017), é mais fácil a adaptação no exterior.

A partir desta pesquisa foi possível levantar os pontos fortes e fracos da intermediação das IES com referência ao intercâmbio internacional acadêmico, que constatou que existe o compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior, e apresentou algumas formas de efetivação da transmissão dos conhecimentos da experiência intercultural que tiveram; assim como foi possível ver a relação dos cursos e países, que não apresenta uma relação direta, mas pode ter a ver com a língua, com a cultura, com as possibilidades que o país apresenta além do conteúdo, com destaque para o aspecto cultural; mas se mostrou restrita a escolha do país dependendo do Programa do intercâmbio. Ainda, com relação ao conhecimento e país, aparece a área de Exatas com realização de intercâmbio mais nos EUA e a de Humanas e da

Saúde mais em Portugal, e destacou a área de Exatas como sendo a que, no período da pesquisa, teve um maior número de estudantes que fizeram intercâmbio acadêmico no universo analisado, além de se destacar com um melhor aproveitamento em questão de aprendizagem do conteúdo de sua área.

No entanto, não comportou a verificação das outras possibilidades de compartilhamento que podem existir, além das explicitadas na Tabela 7, e a eficácia de cada uma delas. Sendo assim, sugere-se uma continuidade desse estudo, no sentido de levantar novas formas de compartilhamento para disseminação do conhecimento adquirido no intercâmbio internacional, com maior eficácia na transmissão do conhecimento; também, a verificação da possibilidade de ampliar as maneiras de divulgação das ações realizadas, para que possa ter um alcance maior no auxílio de outros alunos que queiram passar pela experiência de um Intercâmbio Internacional Acadêmico e, então, seja possível um melhor aproveitamento do capital adquirido no exterior como forma de enriquecimento, tanto nos estudos, quanto na vida pessoal do acadêmico, não somente para os alunos que foram, mas para os que não tiveram a mesma oportunidade também.

Por conseguinte, retoma-se a proposição de novas ações para o compartilhamento do conhecimento, dentro das quais ressaltamos algumas como: o levantamento das dificuldades dos intercambistas para minimizá-las, a formação de comunidades virtuais, manuais eletrônicos, café do conhecimento, palestras presenciais e online e a formação de espaços acadêmicos de interação presenciais ou virtuais, que podem se configurar como novas formas de oportunidades de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior.

Nesse sentido, sugere-se a elaboração de projetos por parte das IES responsáveis pelos intercâmbios acadêmicos internacionais, com a finalidade estratégica de propiciar e, mais ainda, fomentar o compartilhamento da experiência internacional, de forma sistemática e cíclica, para que o ciclo do conhecimento não seja interrompido, mas seja contínuo e promova bons resultados para todos os atores envolvidos e para toda a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALCARÁ, Adriana Rosecler *et al.* Fatores que influenciam o compartilhamento da informação e do conhecimento. **Perspectivas em ciências da informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 170-191, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362009000100012>. Acesso em: 26 fev. 2019.

ALVAREZ, Ana Maria Torres. **Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1136.3**: Desenvolvimento, Aprimoramento e Consolidação de uma Educação Nacional de Qualidade. São Paulo: UNESCO, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13944-produto-1-senso-educ-superior-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 ago. 2019.

ALVES, Alessandra; BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Influências e barreiras ao compartilhamento da informação: uma perspectiva teórica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39 n. 2, p. 115-128, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000200010>. Acesso em: 26 fev. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE INTERCÂMBIO - BELTA. **Pela primeira vez, Brasil ultrapassa 302 mil estudantes no exterior**. Disponível em: <http://www.belta.org.br/pela-primeira-vez-brasil-ultrapassa-302-mil-estudantes-no-exterior-revela-pesquisa-da-belta/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

AUDY, Jorge. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 75-87, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>. Acesso em: 26 fev. 2019.

BAUDRILLARD, Jean; GUILLAUME, Henri. **Figures de l'Altérité**. Paris: Descartes, 1992. p. 4.

BESSI, Vânia Gisele; PENEDO, Kelvin da Silva; BEZ, Marta Rosecler; SCHREIBER, Dusan. Práticas de Gestão do Conhecimento em Empresas do Vale do Rio dos Sinos/RS. **Revista Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 18, p. 311-329, jan./dez. 2017. Disponível em: [10.21714/2178-8030gep.v18.4533](http://dx.doi.org/10.21714/2178-8030gep.v18.4533). Acesso em: 26 fev. 2019.

BIANCHI, Eliane Maria Pires Giavina. Repatriation: reflections on organizational practices and its implications on individuals, around the globe. **Gestão & Regionalidade**, v. 31, n. 93, p. 144-160, set./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/gr.vol31n93.3353>. Acesso em: 26 fev. 2019.

CALDERÓN, Patricia Asunción Loaiza; GUEDES, Ana Lucia Malheiros; CARVALHO, Rúbia Walquiria de. Gestão internacional de recursos humanos: Adaptabilidade intercultural na expatriação de brasileiros. **InternexT - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 6-20, 2016. Disponível em: [10.18568/1980-4865.1126-20](http://dx.doi.org/10.18568/1980-4865.1126-20). Acesso em: 26 fev. 2019.

CAVALCANTE, Inara Mariela da Silva; GUEDESI, Glauteice Freitas; PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo. Mobilidade internacional estudantil de Enfermagem da Universidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, suppl 4, p. 1715-1722, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0754>. Acesso em: 26 fev. 2019.

CHIARA, Ivone Guerreiro Di; ALCARÁ, Adriana Rosecler; TOMAÉL, Maria Inês. Tipos de compartilhamento de informação e do conhecimento no ambiente de P&D. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 2, p. 105-118, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/3876>. Acesso em: 26 fev. 2019.

CHIARINI, Túlio; VIEIRA, Karina Pereira. Universidades como Produtoras de Conhecimento para o Desenvolvimento Econômico: Sistema Superior de Ensino e as Políticas de CT&I. **RBE - Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 117-132, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/3599>. Acesso em: 26 fev. 2019.

COELHO, João Vasco. **Estar dentro, estando fora**: Da expatriação como quadro de acção disjuntivo. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 1976-1999, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21171/ges.v11i30.2217>. Acesso em: 26 fev. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO CNPq. **O CNPq**. Disponível em: http://cnpq.br/apresentacao_institucional/. Acesso em: 09 abr. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Bolsas e auxílios individuais**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/bolsas-e-auxilios-internacionais/bolsas-e-auxilios-individuais/bolsasindividuais>. Acesso em 08 abr. 2019. Acesso em: 26 fev. 2019.

CUCHE, D. **La notion de culture dans les sciences sociales**. Paris: Éditions La Découverte, 1996.

DALMOLIN, Indiara Sartori; PEREIRA, Eliane Ramos; COSTA, Rose Mary; SILVA, Rosa Andrade; GOUVEIA, Maria José Baltazar; SARDINHEIRO, José Júlio. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 3, p. 442-447, maio/jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000300021>. Acesso em: 26 fev. 2019.

DAME, Maristela Sonda; VERRUCK, Fábio; LAZZARI, Fernanda; GONÇALVES, Roberto Birch. Processo de expatriação e repatriação de funcionários em uma multinacional do setor metalomecânico. In: ENCONTRO DA ANPAD, 35., Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR1609.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2019.

DAVENPORT, Thomas; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 237p.

DAVILA, Guilherme Antonio; FRAGA, Bruna Devens; DIANA, Juliana Bordinhão, SPANHOL, Fernando José. O ciclo de gestão do conhecimento na prática: um estudo nos

núcleos empresariais catarinenses. **International Journal Knowledge Engineering and Management**, Florianópolis, v.3, n.7, p.43-64, fev. 2015. Disponível em: <http://www.labmidiaeconhecimento.ufsc.br/files/2014/11/spanhol.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2019.

DERESKY, Helen. **Administração global: estratégica e interpessoal**. Porto Alegre: BOOKMAN, 2004. 372p.

DIXON, Nancy. **Common knowledge: how companies thrive by sharing what they know**. Boston: Harvard Business School Press, 2000.

FREIRE, Patrícia de Sá; ESPANHOL, Fernando José. Conhecimento organizacional: produto ou processo? **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 3-21, jan./jun. 2014. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/15963. Acesso em: 26 fev. 2019.

FREITAS, Maria Ester. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? **Organizações & Sociedades**, Salvador, v. 16, n. 49, p. 247-264, abr./jun. 2009. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11019>. Acesso em: 26 fev. 2019.

GALLON, Shalimar, SCHEFFER, Angela Beatriz Busato; BITENCOURT, Betina Magalhães. “Eu fui, voltei e ninguém viu”: um estudo sobre a expectativa de carreira após a repatriação em uma empresa brasileira. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 128-148, mar. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512013000100009>. Acesso em: 26 fev. 2019.

GALLON, Shalimar. **Repatriação e carreira: possibilidades e desafios**. 2011. 188f. Dissertação (mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

GALLON, Shalimar; FRAGA, Aline Mendonça; ANTUNES, Elaine Di Diego. Conceitos e configurações de expatriados na internacionalização empresarial. **READ. Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 23, n. spe, p. 29-59, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.174.63854>. Acesso em: 26 fev. 2019.

GONÇALVES, Thomás Gomes. Sua majestade, o intercambista: intercâmbio como uma tentativa de retorno à uma ilusão de completude. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 5, n. 2, p. 72-76, jul./dez. 2013.

GONZÁLES, Juan Miguel Rosa; OLIVEIRA, José Arimatés. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512011000400011>. Acesso em: 26 fev. 2019.

GUIMARÃES, Ana. **Programa oferece formação no exterior a 75 mil estudantes**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35106-ciencias-sem-fronteira>. Acesso em: 12 ago. 2019.

GUIMARÃES, Sandra Ritieli Espíndola; OLIVEIRA, Adriana Leônidas. Mobilidade Acadêmica Internacional: estudo de caso em instituições públicas de ensino superior. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional - G&DR**, Taubaté, v. 12, n. 5 (ed. especial), p. 349-372, dez. 2016. Disponível em: <https://rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/2791>. Acesso em: 26 fev. 2019.

HOLSTE, J. Scott; FIELDS, Dail. Trust and tacit knowledge sharing and use. **Journal of Knowledge Management**, v. 14, n. 1, p. 128-140, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/13673271011015615>. Acesso em: 26 fev. 2019.

INOMATA, Danielly Oliveira, WARVAKIS, Gregório, SOARES, Antonio Lucas. Fluxos de informação e conhecimento em ambiente de inovação: evidências sobre a interação formal e informal para o desenvolvimento de negócios em empresas incubadas em um parque tecnológico. *In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 17., Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANCIB, 2016.

LIMA, Mariana Barbosa; BRAGA, Beatriz Maria. Práticas de recursos humanos do processo de repatriação de executivos brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 14, n. 6, p. 1031-1053, nov./dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552010000700004>. Acesso em: 26 fev. 2019.

LOMBAS, Maria Luiza de Santana. A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos dos pesquisadores brasileiros. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 44, p. 308-333, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004413>. Acesso em: 26 fev. 2019.

LUIZ, Gilberto Venâncio; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; SILVA, Neuza Maria; GUERRA, Francismara Fernandes. Capital cultural e consumo de bens culturais em famílias nucleares. **E&G Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 18, n. 51, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1984-6606.2018v18n51p62-76>. Acesso em: 26 fev. 2019.

LUIZ, Renata da Costa Rodrigues; SANTOS, Isabel Cristina; TADEUCCI, Marilsa de Sá Rodrigues. A expatriação como estratégia de aprendizagem organizacional e carreira. **ReCaPe – Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 2, n. 2, p.74-83, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1104/pdf1104>. Acesso em: 27 jun. 2018.

MACHADO, Hilka Pelizza Vier; SARTORI, Rejane. Conhecimento e inovação no âmbito da cooperação entre universidade e empresa: um estudo de caso. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 44, p. 483-507, jul./set. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2018.44.483-507>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MACHADO, Hilka Vier; HERNANDES, Cláudio Aurélio. Alteridade, expatriação e trabalho: implicações para a gestão organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 53-73, jul./set. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552004000300004>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MAGGI, Letícia. 10 estatísticas interessantes sobre estudar fora. **EstudarFora.Org**. Disponível em: Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/10-dados-estudar-fora/>. Acesso em: 12 maio 2019.

MARANDOLA JR., Eduardo. Novos significados da mobilidade. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 199-200, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982008000100013>. Acesso em: 26 fev. 2019.

MEC acaba om o Ciência sem Fronteiras para a graduação. **Valor Econômico**. 02 abr. 2017. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/4923926/mec-acaba-com-ciencia-sem-fronteiras-para-graduacao-no-externo#targetText=MEC%20acaba%20com%20Ci%C3%Aancia%20sem%20Fronteiras%20para%20gradua%C3%A7%C3%A3o%20no%20exterior&targetText=BRAS%C3%8DIA%20%2D%20O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o,bolsas%20de%20estudo%20no%20exterior>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MELO, Luiz Eduardo Vasconcelos **Gestão do conhecimento: conceitos e aplicações**. São Paulo: Érica, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Aberta inscrições para intercâmbio com a Alemanha**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-de-educacao-para-a-diversidade/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/6145-sp-128357853>. Acesso em: 08 abr. 2019.

MIRANDA, Roberto Campos da Rocha. **Gestão do conhecimento estratégico: uma proposta de modelo integrado**. 2004. 268f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação, 2004.

MOREIRA, Márcia Zabdiele; OGASAVARA, Mário Henrique. Distância cultural e expatriação japonesa na América Latina. **Gestão & Regionalidade**, v. 34, n. 101, p. 91-105, 2018. Disponível em: Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/view/3843. Acesso em: 26 fev. 2019.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado. Internacionalização da educação superior no brasil: a produção recente em teses e dissertações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, p. e155071, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698155071>. Acesso em: 26 fev. 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2019.

OLIVEIRA, Adriana Leônidas; FREITAS, Maria Ester. Relações Interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22 n. 70 jul./set. 2017. Disponível em: Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n70/1809-449X-rbedu-22-70-00774.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. **Manual de Oslo: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação**. 3. ed. Paris: OCDE, 2005.

PANIZZI, Wrana Maria. Cooperação internacional: solidariedade e diálogo entre iguais? *In: GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Universidade: Cooperação Internacional e Diversidade. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006. p. 61-68. (Coleção Humanitas).*

PEREIRA, Neuri Amabile Frigotto; PIMENTEL, Ricardo; KATO, Heitor Takashi. Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 53-71, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552005000400004>. Acesso em: 26 fev. 2019.

PÉRICO, Franco Gatelli; GONÇALVES, Roberto Birch. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. **Educ. Pesquisa.**, São Paulo, v. 44, e182699, 2018.

PRESTES, Vanessa Amaral; GRISCI, Carmem Ligia; FRAGA, Aline Mendonça. Lifestyles of workers in the expatriation context. **RAM- Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 39-59, maio/jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n3p39-59>. Acesso em: 26 fev. 2019.

RANGEL, Maria Ligia; BARBOSA, Ana de Oliveira; RICCIO, Nícia Cristina Rocha; SOUZA, Joseilda Sampaio. **Redes de aprendizagem colaborativa: contribuição da Educação a Distância no processo de qualificação de gestores do Sistema Único de Saúde – SUS.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2012nahead/aop3412>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANDER. **Bolsas de estudo.** Disponível em: <https://www.santanderuniversidades.com.br/institucional/noticias/Paginas/santander-mundi-e-o-novo-programa-de-intercambio-do-banco.aspx>. Acesso em: 01 jul. 2018.

SCHERER, Laura Alves; MINELLO, Italo Fernando. Resiliência e expatriação: das adversidades à dinâmica do comportamento resiliente de expatriados. **Revista Alcance**, v. 24, n. 3, p. 329-349, 2017. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.14210/alcance.v24n3\(Jul/Set\).p329-349](http://dx.doi.org/10.14210/alcance.v24n3(Jul/Set).p329-349). Acesso em: 26 fev. 2019.

SOUZA, Marco Aurélio Batista. Gestão do Conhecimento: uma contribuição ao seu entendimento. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 6, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18361/2176-8366/rara.v6n3p38-47>. Acesso em: 26 fev. 2019.

STEIL, Andrea Valéria. **Estado da arte das definições de Gestão do Conhecimento e seus subtemas.** Technival Report. Florianópolis: Instituto Stela, 2007.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. Gestão do conhecimento. Porto Alegre: Bookman, 2008. **Contemporânea**, v. 9, n. 4, p. 53-71, 2008. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552005000400004>. Acesso em: 26 fev. 2019.

TORINO, Emanuelle. **Compartilhamento de conhecimento científico na perspectiva de pesquisadores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. 2010. 128f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

UNIVERSIDADE que busca produzir conhecimento e inovação tem que promover intercâmbio de alunos e pesquisadores, afirma reitor da Unicamp. **AMCHAM Brasil100**. 28 ago. 2012. Disponível em: <https://www.amcham.com.br/noticias/competitividade/universidade-que-busca-produzir-conhecimento-e-inovacao-tem-que-promover-intercambio-de-alunos-e-pesquisadores-afirma-reitor-da-unicamp>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VEMURI, S. Ram. **Zentra Working Papers in Trans-national Studies**. nov. 2014 - n. 41/2014.

VIANNA, Nereida Prudêncio; SOUZA, Yeda Swirski. Uma análise sobre os processos de expatriação e repatriação em organizações brasileiras. **Base – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, v. 6, n. 4, nov./dez. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/base/article/view/4847>. Acesso em: 26 fev. 2019.

WALTER, Silvana Anita; FREGA, José Roberto. Repatriados brasileiros de transacionais: fatores relevantes para sua permanência. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.8, n.1, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19177/reen.v8e120153-31>. Acesso em: 26 fev. 2019.

ANEXO I

	SPEEL	EXPATRIAÇÃO	16/SET
1	Moreira, M. Z.; Ogasavara, M. H.	Distância Cultural e Expatriação Japonesa na América Latina.	Gestão & Regionalidade, v. 34, n. 101, p. 91-105, 2018.
2	Coelho, J. V.	Estar dentro, estando fora: da expatriação como quadro de ação disjuntivo.	Gestão e Sociedade, v. 11, n. 30, p. 1976-1999, Setembro-Dezembro, 2017. 24 p.
3	Scherer, L. A.; Minello, I. F.	Resiliência e expatriação: Das adversidades à dinâmica do comportamento Resiliente dos Expatriados	Revista Alcance, v. 24, n. 3, p. 329-349, 2017.
4	Calderón, P. A. L.; Guedes, A. L. M.; Carvalho, R. W.	Gestão internacional de recursos humanos: Adaptabilidade intercultural na expatriação de brasileiros.	InternexT - Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, v. 11, n. 2, p. 6-20, 2016.
5	Prestes, V. A.; Grisci, C. L. I.; Fraga, A. M.	Lifestyles of Workers in the Expatriation Context. (Estilos de vida de trabalhadores em contexto de expatriação)	Revista de Administração Mackenzie, v. 17, n. 3, p. 39-59, 2016.
6	Luiz, R. C. R.; Santos, I. C. D.; Tadeucci, M. S. R.	A expatriação como estratégia de aprendizagem organizacional e carreira	Revista de Carreiras e Pessoas, v. 2, n. 2, p. 74-83, 2012.
7	González, J. M. R.; Oliveira, J. A.	Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso	Cadernos EBAPE.BR, v. 9, n. 4, art. 10, p. 1122-1135, 2011.
8	Vianna, N. P.; Souza, Y. S.	Uma análise sobre os processos de expatriação e repatriação em organizações brasileiras	BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS, v. 6, n. 4, p. 340-353, 2009.
9	Machado, H. V.; Hernandez, C. A	Alteridade, expatriação e trabalho: implicações para a gestão organizacional. (A alteridade consiste na relação do indivíduo com o outro. É por meio dessa troca que cada um constrói ou reconstrói sua identidade. Por outro lado, situações de expatriação requerem redefinição das identidades, tanto no plano individual quanto no social.	Revista de Administração Contemporânea, v. 8, n. 3, p. 53-73, 2004.
10	Gallon, S.; Fraga, A. M.; Antunes, E. D	Conceitos e Configurações de Expatriados na Internacionalização Empresarial	REAd. Revista Eletrônica de Administração, v. 23, n. N. Especial, p. 29-59, 2017.
11	Bianchi, E. M. P. G.	Repatriation: Reflections on Organizational Practices and Its Implications on Individuals, Around the Globe. (Repatriação: reflexões Sobre Práticas Organizacionais e Suas Consequências para os Indivíduos, em todo o Mundo.)	Gestão & Regionalidade, v. 31, n. 93, p. 144-160, 2015.
	Gallon, S.; Scheffer, A. B. B.;	Eu fui, voltei e ninguém viu”:	Cadernos EBAPE.BR, v. 11, n. 1, p.

12	Bitencourt, B. M.	um estudo sobre a expectativa de carreira após a repatriação em uma empresa brasileira	128-148, 2013.
13	Lima, M. B.; Lacombe, B. M. B.	Práticas de recursos humanos do processo de repatriação de executivos brasileiros.	Revista de Administração Contemporânea, v. 14, n. 6, art. 3, p. 1031-1053, 2010.
14	Walter, S. A.; Frega, J. R.	Repatriados brasileiros de transnacionais: fatores relevantes para sua Permanência.	Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, v. 8, n. 1, p. 3-31, 2015.
15	Lima, Mariana Barbosa; Braga, Beatriz Maria.	Práticas de recursos humanos do processo de repatriação de executivos brasileiros	Rev. adm. contemp. vol.14 no.6 Curitiba Dec. 2010, Volume 14 Nº 6 Páginas 1031 - 1053
16	Freitas, Maria Ester de.	A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejam nomades?	Organ. Soc. vol.16 no.49 Salvador Apr./June 2009, Volume 16 Nº 49 Páginas 247 - 264.
17	Pereira, Neuri Amabile Frigotto; Pimentel, Ricardo; Kato, Heitor Takashi.	Expatriação e estratégia internacional: o papel da família como fator de equilíbrio na adaptação do expatriado	Rev. adm. contemp. vol.9 no.4 Curitiba Oct./Dec. 2005, Volume 9 Nº 4 Páginas 53 - 71
18	Périco, Franco Gatelli; Gonçalves, Roberto Birch	Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação	Fonte: Educação e Pesquisa; 44(); -; 2018-09-17
19	Cavalcante, Inara Mariela da Silva; Guedes, Glauteice Freitas; Püschel, Vilanice Alves de Araújo.	Nursing international student mobility in the University of São Paulo	Fonte: Revista Brasileira de Enfermagem 2018, Volume 71 Páginas 1619 - 1625
20	Oliveira, Adriana Leônidas de; Freitas, Maria Ester de.	Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes.	Fonte: Revista Brasileira de Educação Jul 2017, Volume 22 Nº 70 Páginas 774 - 801
21	Lombas, Maria Luiza de Santana.	A mobilidade internacional acadêmica: características dos percursos de pesquisadores brasileiros	Sociologias Jan 2017, Volume 19 Nº 44 Páginas 308 - 333
22	Oliveira, Adriana Leônidas de; Freitas, Maria Ester de.	Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes	Revista Brasileira de Educação; 22(70); 774-801; 2017-07
23	Dalmolin, Indiara Sartori; Pereira, Eliane Ramos; Silva, Rose Mary Costa Rosa Andrade; Gouveia, Maria José Baltazar; Sardinheiro, José Júlio	Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico	Revista Brasileira de Enfermagem; 66(3); 442-447; 2013-06

ANEXO II – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO SOBRE INTERCÂMBIO INTERNACIONAL – COMPARTILHAMENTO

Prezado participante, o presente questionário tem como objetivo levantar dados, para uma dissertação de Mestrado, sobre a participação em intercâmbio internacional, quanto ao compartilhamento do conhecimento adquirido nas experiências vividas no exterior, ao retornar ao país de origem.

No entanto, informamos que todo o cuidado será tomado na questão do sigilo das respostas e preservação da confidencialidade do participante.

Agradecemos, desde já, a sua participação.

I – IDENTIFICAÇÃO

1) Nome

2) Curso de graduação que fazia (ou faz) no momento do intercâmbio?

3) Data do início do curso?

4) Data do final do curso (previsto)?

5) Sexo: () Masculino () Feminino

6) Idade?

II - DADOS SOBRE O INTERCÂMBIO

7) De quantos intercâmbios você participou?

() 1 Intercâmbio

() 2 Intercâmbios

() 2 ou mais intercâmbios

8) Em que ano realizou o intercâmbio?

9) Por quê escolheu o país onde realizou o intercâmbio?

- () Pela área de ensino
() Por motivo do idioma do país
() Por causa da instituição de ensino
() Outros

10) Se respondeu outros na pergunta anterior, explique o motivo.

11) Em que ano realizou o intercâmbio internacional?

12) Quanto tempo permaneceu no exterior?

- () Menos de 3 meses
() De 3 a 6 meses
() De 6 meses a 1 ano
() De 1 a 2 anos
() Mais que 2 anos

13) Durante o período que realizou o intercâmbio, voltou ao Brasil em algum momento?

- () Sim
() Não

14) Qual o nome do curso que fez no exterior?

15) Em que ano retornou?

III - TIPOS DE CONHECIMENTO

Durante o período que esteve no exterior, assinale quais os conhecimentos que obteve, sendo:

- 5 = muitíssimo
 4 = Bastante
 3 = Mais ou menos
 2 = Pouco
 1 = Muito pouco

GRAU DE APRENDIZAGEM	5	4	3	2	1
16 - Aprendi sobre valores de outra cultura					
17 - Aumentei meus conhecimentos sobre a história local					
18 - Aumentei meus conhecimentos sobre a geografia do local					
19 - Aumentei meus conhecimentos sobre artes					
20 - Aumentei meus conhecimentos sobre o idioma local					
21 - Aumentei meus conhecimentos sobre religiões diversas					
22 - Aumentei meus conhecimentos sobre hábitos e costumes de outra cultura					
23 - Aprendi sobre conhecimentos diferenciados de outras instituições					
24 - Aprendi mais sobre conhecimentos técnicos da minha área					
25 - Aprendi mais sobre aspectos teóricos da minha área					
26 - Aprendi a me relacionar com pessoas de outros países					

IV - FORMAS DE COMPARTILHAMENTO NA REPATRIAÇÃO

27) Quando retornou do exterior, como compartilhou o conhecimento e as experiências adquiridas com os demais estudantes?

- Não compartilhou.
 Apresentando trabalhos em simpósios e congressos.
 Ingressou em alguma comunidade virtual referencial e compartilhou suas experiências.
 Compartilhou um relatório das atividades realizadas no intercâmbio.
 Proferiu palestras sobre as experiências.
 Auxiliou colegas que iriam para o exterior.
 Publicou artigo científico sobre o assunto.
 Criou um manual "passo a passo" sobre viagens e intercâmbios.
 Criou um vídeo sobre as suas experiências no intercâmbio.
 Criou um vídeo sobre as atividades técnicas desenvolvidas no exterior.
 Fez a interação de contatos de colegas da instituição com os do exterior.

V – ASSIMILAÇÃO DO CONHECIMENTO

Sobre sua aprendizagem no exterior, assinale nas próximas perguntas o quanto aprendeu de cada tipo de conhecimento, sendo:

- 5 = Muitíssimo
 4 = Bastante
 3 = Mais ou menos

- 2 = Pouco
2 = Muito pouco

GRAU DE ASSIMILAÇÃO	5	4	3	2	1
28 - Quanto à cultura do país destino					
29 - Quanto ao conhecimento prático da sua área					
30 - Quanto à economia global					
31 - Quanto a administrar melhor seus recursos					
32 - Sobre política					
33 - Sobre a preservação de recursos naturais					
34 - Quanto ao conhecimento sobre o meio ambiente					
35 - Sobre o funcionamento de uma instituição de ensino em outro país					
36 - Sobre leis e regras					
37 - No seu retorno, as pessoas demonstraram interesse em receber informações sobre as suas experiências no exterior?					
38 - A instituição proporcionou a você oportunidade de compartilhamento desse conhecimento?					
39 - Seus colegas oportunizaram momentos de compartilhamento do conhecimento adquirido no exterior?					
40 - Conseguiu compartilhar todas as informações que obteve?					

41) Estaria disposto a compartilhar os conhecimentos adquiridos?

() Sim

() Não

42) Gostaria de acrescentar algo mais?

Obrigada pela sua colaboração, sem a qual não seria possível esta pesquisa.